

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO

**A PEDAGOGIA DO AMOR:
A PEDAGOGIA DE DEUS COM AS MULHERES EXCLUÍDAS**

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

BELO HORIZONTE

2005

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

**A PEDAGOGIA DO AMOR:
A PEDAGOGIA DE DEUS COM AS MULHERES EXCLUÍDAS**

Monografia de Conclusão do Curso Seqüencial de Formação
Específica e Filosofia
com Ênfase na Ação Pastoral,
do Instituto Santo Tomás de Aquino
de Belo Horizonte, sob a orientação
da Professora Isabel Bonnín.

**BELO HORIZONTE
2005**

DEDICATÓRIA

**A cada mulher que carrega em seu corpo a marca da prostituição,
mulheres que me ensinam a descobrir a vida de uma nova forma e
mostram-me quão precioso é lutar por dignidade e igualdade,
pela dignidade de nós mulheres.**

À Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor.

**A cada Irmã Oblata que busca seguir Jesus Redentor
assumindo assim a causa da mulher em situação de prostituição.**

AGRADECIMENTOS

Gratidão à Deus, Autor da Vida, meu sustento e segurança na caminhada.

Gratidão aos meus pais: Maria Tereza e José Vicente pelo Dom de minha vida e pela confiança em mim depositada. Gratidão por Rafaela e Camila, minhas queridas irmãs, companheiras e amigas.

Gratidão à Congregação e a cada Irmã Oblata que acolhem-me nesta caminhada do seguimento de Jesus Redentor.

Gratidão a cada uma das mulheres que por sua presença ajudam-me a descobrir o rosto de Jesus Redentor.

Gratidão à Comunidade pelo incentivo e apoio: Ir. Pilar por sua presença solidária.

Gratidão à Ir. Ivoni Grando pelo carinho, incentivo e presença amiga na construção deste trabalho.

Gratidão ainda a cada um dos amigos e amigas, professores/as, funcionários/as do Instituto Santo Tomás de Aquino e Coordenação do Curso Seqüencial, especialmente à Isabel Bonnín que orientou-me neste trabalho. Gratidão à eles por serem presenças significativas nesta etapa de minha vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 1- A PEDAGOGIA DE DEUS EM OSÉIAS.....	13
1.1. Alguns aspectos da prostituição no Antigo Testamento.....	13
1.2. Em tempos de conflitos.....	14
1.3. Início da Relação (Os 1,2-9).....	16
CAPÍTULO 2- A PEDAGOGIA DE JESUS COM AS MULHERES DE SEU TEMPO.....	35
2.1. Jesus e as mulheres.....	35
2.2. Jesus se encontra com uma mulher (Jo 4, 4-30).....	36
2.3. Jesus se solidariza com uma mulher (Jo 8, 1-11).....	42
2.4. Jesus se deixa tocar por uma mulher (Lc 7, 36-50).....	46
CAPÍTULO 3- A PEDAGOGIA OBLATA: PEDAGOGIA EM CONTRUÇÃO. 48	
3.1. A situação da mulher no século XIX.....	48
3.2. Hospital São João de Deus: um aproximar-se daquelas que sofrem.....	52
3.3. Pombinho de Jerez: uma parábola a refletir.....	54
3.4. A pedagogia Oblata: Pedagogia do Redentor.....	56
CONCLUSÃO.....	66

UMA MULHER AQUI

*Há uma mulher aqui
Que grita, chora, esperneia
Há uma mulher aqui
Tão doce, gentil, sensível
Aqui há uma mulher
Feroz, trovão, furacão
Que não entende, não compreende
Que vive a dar voltas
Que se encanta com este ciclo
E se assusta com invasões
Sim, invasões...
Pois, há uma mulher aqui
Que não se conforma
Com as histórias destas outras mulheres
Tão frágeis e tão guerreiras
Há uma mulher aqui a se perguntar
Se tudo isso é certo
Se é permitido dominar
Ir além fronteiras
Invadir terras preciosas
Massacrar sementes
Deixar de regar
Deixar de cuidar
Há uma mulher aqui que custa crer
Que prevalece o poder
Que o lugar sagrado que aqui há seja profanado
Aqui bem dentro de mim há uma mulher
Que vibra com a luta de outras mulheres
Que chora com a dor daquelas
Que também carregam em si este ser mulher
Sim, há aqui uma mulher
Pede-se, porém que não a destruam.*

Fernanda Priscila Alves da Silva

INTRODUÇÃO

A reflexão proposta na presente monografia parte da experiência do trabalho pastoral que é realizado pelas Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, junto às mulheres em situação de prostituição. Desde o início do milênio, as Oblatas sentem-se herdeiras de uma longa história em que se vai construindo sua identidade¹. No caminhar de tal trabalho e na história da Congregação foi-se percebendo que há necessidade de uma pedagogia própria para trabalhar com este público, um método que possa responder às demandas que daí surgem. Afinal, faz-se urgente inculturar o carisma hoje² nas realidades complexas em que se encontra e para isso pede atitude de abertura e escuta para reconhecer as novas e grandes pobreza e promover alternativas humanizadoras adequadas às causas do fenômeno da prostituição³.

Vivemos em uma sociedade que já não considera mais a pessoa como sujeito de sua própria história, responsável por suas opções e digna enquanto pessoa que é. O mundo hoje é marcado por uma enorme desigualdade social, onde poucos têm muito e muitos têm muito pouco, vivendo assim em realidades de extrema pobreza. E uma dessas realidades é a própria prostituição, que é uma questão social de extrema importância, a ser então trabalhada e questionada, pois várias são as mulheres que experienciam e sentem em seu próprio corpo a marca da prostituição. Nesta realidade atual, em que o ser humano deixou de ser sujeito e é considerado apenas como indivíduo, a mulher em situação de prostituição é vista por muitos como simples objeto sexual. Sendo assim, temos um dos pontos centrais desta monografia, que é a construção de uma pedagogia para o trabalho com as mulheres. Essa pedagogia nasce porque a mulher tornou-se indivíduo. Assim, é necessária a construção de um caminho por onde ela possa ir tornando-se sujeito. É importante dizer também que este trabalho nasce de minha inquietação e alegria de ver a busca e inquietação das Irmãs Oblatas, empenhadas no trabalho e na construção de uma pedagogia própria para trabalhar com as mulheres.

¹ Desde as origens somos chamadas a formar uma família fraterna e solidária (BH vol. I pág. 362); (BH vol. IV pág. 273); Dir.(7-16).

² A Igreja e a Congregação são chamadas a inculturar o Evangelho e o Carisma (VC 79-80).

³ Capítulo General 2001. Bajo el dinamismo del Espíritu: Documento sobre la relectura del Carisma. XVIII Capítulo General.

Mas por que um trabalho que fale da pedagogia para com a mulher? Por quê? Minha experiência junto a elas sempre me traz muitos questionamentos. O encontro que tenho com as mesmas não me deixa ficar parada. Ressuscita aqui a mulher que há em mim e que luta, anda e não se cansa. Entretanto, às vezes cai e depois torna a levantar.

Vejo mulheres que sonham e brigam, contam suas histórias, falam de suas vidas. Vejo mulheres de vinte, trinta e quarenta anos, cansadas, tristes, solitárias. Vejo mulheres, muitas. Vejo a mulher e seu ciclo e também me vejo. Vejo mulheres diferentes daquelas que conheci: limpas, bem cuidadas, amadas. Vejo mulheres marcadas, uma marca estranha para mim, incompreensível às vezes, e escuto suas vozes: “esta noite fui presa”, “hoje não fiz para o almoço”, “estou cansada desta vida”. Sim, escuto vozes, falas que me inquietam. Poderemos então continuar assim? Não faremos nada? Olho e vejo mulheres marcadas, olho aqui e vejo uma mulher. Talvez isso me atinja mais.

O que fazer então? Sim, o que fazer? Pois, todas as tardes, elas vêm ao nosso encontro e depois voltam, outras vezes somos nós que vamos ao seu encontro e também retornamos. Mas o que fazemos? Inquieta estou. Contudo, não sou a única. Inquieta estou e é preciso buscar respostas.

Há vida naquelas mulheres. Há vida lá. É preciso deixar brotar. Mas como? Suscitando, motivando, se aproximando? Essas inquietações me levam a pensar que é preciso fazer um caminho, percorrer uma estrada, pouco a pouco, devagar, mas não deixar de caminhar. **“Caminheiro, você sabe não existe caminho. Passo a passo, pouco a pouco e o caminho se faz”.**

Desde 1864, o Instituto das Irmãs Oblatas, fundado por Antônia Maria de Oviedo Schonthal (nascida na Suíça) e José Maria Benito Serra (nascido na Espanha), tem como objetivo único trabalhar junto a essas mulheres, buscando dar possibilidades para que as mesmas se reconheçam como filhas queridas e amadas por Deus. Vê-se então que trabalhar junto à mulher exige uma pedagogia própria. Nesse sentido, buscar-se-á neste trabalho compreender qual é a pedagogia usada por Deus ao se aproximar da mulher, principalmente as mulheres que estão em exclusão. Que pedagogia usar para se aproximar desta mulher? Como chegar até ela? Para isso será necessário analisar, através do Antigo Testamento, Oséias verificando qual é a atitude que este usa para com Gomer, a mulher marcada pela prostituição. No Novo Testamento, verificar de que

maneira Jesus se aproxima das mulheres. Qual a pedagogia usada por Ele? E, por fim, verificar a pedagogia usada pela Oblata questionando se esta responde aos desafios de hoje. Será que a Oblata está conseguindo se aproximar da mulher? Está sendo feito um processo?

A princípio trataremos de modo sintético de aspectos da prostituição no Antigo Testamento. Para isso iremos perceber que aí se situam dois tipos de prostituição: a prostituição secular e a cultural.

Para analisar de modo mais específico a questão da prostituição, será dada mais ênfase ao texto de Oséias nos capítulos 1 a 3. Esse trecho nos colocará de certa forma à par da realidade das/os excluídas/os do povo de Israel, de modo específico dos sistemas político, econômico e religioso que controlavam Israel no final do Reinado de Jeroboão II (783-743 a. C). Desse modo, a profecia de Oséias neste trecho vem questionar a postura do Estado que cada vez mais oprimia o povo. Essa opressão vai recair também sobre a mulher que, diante da imposição do Estado, legitima mais sua situação de submissão. A profecia traz uma contestação que vai denunciar a atitude do Estado sobre a mulher, pois este a vê apenas como alguém que deve gerar e gerar filhos, para que estes contribuam com sua força no Estado. Ao denunciar essa realidade, Oséias mostra que sente na pele a dor da mulher, sua denúncia ressalta a importância da dignidade da mulher.

No decorrer do trabalho, falaremos deste trecho de Oséias 1-3, subdividindo-o em três tópicos. No primeiro, capítulo 1, 2-9, veremos o início da profecia propriamente dito, início que mostra Oséias tomando uma “*mulher prostituta*” e casando-se com ela. A partir daí já começam a se apresentar alguns aspectos da pedagogia abordada neste trabalho que é o *aproximar-se*: Oséias vai ao encontro de Gomer.

No segundo tópico, capítulo 2, 1-15, veremos novas perspectivas para o futuro. No outro capítulo víamos a denúncia da estrutura vigente, neste se apresentam possibilidades e sinais de esperança. Esses sinais de esperança são expressos através de anúncios. Aqui se tem um momento de separação entre o casal.

No tópico seguinte, o terceiro, falaremos da restauração das relações que acontecem em Oséias 2, 16-25. Essa restauração ou reconstrução da realidade deve ser marcada pela gratuidade. A gratuidade será o ponto central para a restauração.

No segundo capítulo do presente trabalho, abordaremos a pedagogia que Jesus utiliza com as mulheres que Ele encontra pelo caminho. A princípio falaremos de seu encontro com a Samaritana no poço de Jacó e, ainda, de todo o processo de libertação que aí acontece. Depois, veremos a atitude misericordiosa de Jesus para com a mulher em Jo 8, 1-11. Ele é aquele que se inclina diante da mulher que foi pega em flagrante cometendo adultério. E, por fim, como Ele trata aquela mulher que d'Ele se aproxima na casa do fariseu Simão.

No capítulo seguinte, apresentaremos um pouco do objetivo do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Para isso será necessário compreender como era a realidade no século XIX, século em que foi fundado o Instituto, qual era a situação da mulher e de modo específico a situação das mulheres que estavam na prostituição. Em seguida, trataremos um pouco da experiência feita pelos fundadores do Instituto e a partir daí todas as tentativas de construção de uma pedagogia para trabalhar com as mulheres feitas por eles. Será mostrado, neste trabalho, um exemplo de atividade utilizando essa pedagogia Oblata, que na verdade está em processo de construção, levando em consideração que tal pedagogia deve estar baseada na pedagogia de Jesus.

Enfim, a importância deste trabalho se baseia neste intuito único: procurar compreender que pedagogia utilizar com aquela mulher que leva em seu corpo o estigma da prostituição, para que ela possa ser conseqüentemente agente principal de sua própria libertação.

Ao falar dessa pedagogia, é interessante mencionar uma experiência ocorrida junto a uma das mulheres. Tal experiência faz brotar em mim a inquietude para a necessidade de uma pedagogia para o trabalho com elas.

Relatar uma experiência nunca é simples. O contato com as mulheres traz em mim muitos questionamentos. São mulheres como eu, que carregam em si a magia e o segredo desse jeito feminino de ser. Uma vida circular, cheia de fases, como já dizia a poeta Cecília Meireles: "**Tenho fases como a lua, Fases de andar escondida, Fases de vir para a rua... Perdição da minha vida! Perdição da minha vida!**"

Inconstâncias, fertilidade, vida. Sim, eis aqui uma mulher a se descobrir e a se assustar com essas outras mulheres. Mulheres guerreiras, batalhadoras, dignas do meu aplauso e de minha reverência. Minha experiência junto a elas foi se dando devagar,

pouco a pouco, e ainda há muito a caminhar. Mas quero aqui relatar a experiência com uma delas. Pois bem, a conheci nas visitas feitas na praça, sendo que já era conhecida por alguns da Pastoral. Mas a conheci em um momento delicado de sua vida. Naquela tarde estava Patrícia (nome fictício) sentada na praça e assim fomos nos aproximando, outra agente e eu. Ela se encontrava bem suja naquela sexta-feira em que nos aproximamos, conversamos e procuramos saber como ela estava. Entretanto, encontrava-se bastante angustiada, carregava uma mochila nas costas onde guardava seus pertences, pois não tinha lugar para ficar. Além do mais, Patrícia está com o vírus HIV, o que a fazia estar mais desanimada diante da vida. Seu semblante era pura tristeza. Sempre, ao fazer as visitas, encontrávamos Patrícia e aos poucos ela ia se soltando, às vezes vinha muito alegre nos cumprimentar. Outras vezes vinha falar de como estava, o que tinha feito durante a semana, se havia ido ao médico ou não. Com o passar do tempo, conseguiu um lugar para ficar e assim todas as tardes ela para lá se dirigia para jantar e dormir. Pelo fato de ela estar com o vírus HIV, foi-se vendo a possibilidade de se aposentar. Então começou a luta, pois ela não estava com os documentos completos. Sendo assim, nós a acompanhávamos para ali e para aqui a fim de colocar em ordem os documentos. Quando marcávamos para ir a algum lugar para tratar da aposentadoria, ela sempre estava lá.

E assim foram se dando passos, às vezes ela mesma ia aos lugares, e isso era bom. O impasse, porém, se dava com relação ao CPF (Cadastro de Pessoas Físicas), pois não tendo ela o CPF também não se conseguia tirar outro, isso porque nos arquivos da Receita Federal constava que havia um comércio em seu nome, sendo que este comércio já estava falido. Ela, porém, nos dizia que havia sido roubada e negava ser proprietária do comércio.

Certa tarde, quando a acompanhamos à Receita Federal, a atendente disse que as assinaturas que constavam nos documentos referentes ao comércio eram idênticas às de seu RG (Registro Geral). Patrícia, porém, negava tal afirmação. Pedi então para verificar e minha surpresa foi ver que a letra era idêntica, não dava para negar. Ela, no entanto, agitava-se de tal modo que mal conseguia falar. Ela tem um grave problema na fala e às vezes custávamos a entendê-la. Naquele momento, percebi realmente sua mentira, mas

continuamos acompanhando-a, ela era mais importante. Saímos da Receita Federal um pouco sem esperança, confesso que senti um aperto no peito. Mas era preciso continuar. Enquanto isso, a Pastoral a acompanhou para que pudesse ir morar em outro abrigo, onde lhe fosse permitido não apenas dormir à noite, mas ficar durante o dia, se assim o quisesse, e assim foi feito. Dessa maneira, a assistente social do abrigo pôde acompanhar mais de perto seu caso.

Às sextas-feiras continuamos as visitas na praça e lá a encontrávamos, às vezes mais alegre, esperançosa, outras mais triste, desanimada.

Fomos um dia visitá-la no abrigo onde se encontrava, o que a deixou muito contente. Neste dia, Patrícia nos disse que aquele comércio realmente era dela; pediu-nos desculpas e dizia temer não conseguir a aposentadoria, por isso mentira. Agora, no entanto, ela então falava a verdade. Tudo foi se encaminhando e a aposentadoria finalmente saiu.

A partir de então ela deveria arrumar um lugar para ficar, um barracão talvez. E foi isso que fez. Parecia que as coisas estavam melhores e de certa forma estavam. Mas Patrícia estava envolvida com as drogas e também com um companheiro que também era dependente químico. E ele foi morar com ela.

Às vezes ela ia à sala onde se atendem as mulheres e se encontrava marcada por hematomas. O que havia acontecido? Ela silenciava. O que foi? E depois ia dizendo que aquele “companheiro” lhe batia. E aí, o que fazer? Dizíamos que talvez ela devesse separar-se dele. Mas ela não queria. E o que fazer? **O passo deveria ser dela. Mas o que poderíamos fazer para suscitar tal passo?**

Certo dia ela o fez. Trancou a casa e não o deixou entrar. Ele, porém, não deu mais notícias e isso a incomodava, conforme seus próprios relatos. Eu realmente não conseguia entender: Como ela poderia querer ver alguém que a maltratava? Silêncio em mim diante de tantas perguntas.

Várias vezes ela chegava à sala angustiada, e nada dizia. O que estava acontecendo? De certa forma também eu ficava angustiada. O que fazer? Que passos dar? Às vezes apenas sentava ao seu lado e ficava ali; outras lhe transmitiam um sorriso, acho que ela sabia que estávamos ali. Quando se despedia dava-me um abraço. Mas a tristeza continuava.

Certa tarde, estávamos preparando o espaço para o Natal, e assim uma pintava, outra recortava e Patrícia se encontrava calada. Tentávamos envolvê-la, mas ela permanecia em silêncio. Já no fim da tarde, depois do lanche, antes de ir embora ela chamou-me, levantou a blusa e disse: “*Você não acha que minha barriga está inchada?*”. “Sim, está, mas o que foi?” Perguntei. “*Não sei*”, disse ela. E olhava para a barriga. De repente, veio-me: será gravidez? E ela disse: “*Estou enjoada*”. Arrisquei então: “*Você está grávida?*” E ela dizia, balançando a cabeça: “*Não, eu não quero*”. Conversamos um pouco e ela ficou de procurar um médico. E foi embora.

Em mim ficou a preocupação: seria gravidez? Sim, não dava pra negar. E dias depois num reencontro veio a confirmação. Mas e aí? Ela está com o vírus do HIV. E aí?

A experiência feita com esta mulher, sua vida e sua história questionou-me bastante. Os encontros que com ela tive, os passos dados, a relação de confiança que foi sendo construída, os desafios. Sempre em mim muitas perguntas, e às vezes uma sensação de impotência. O que fazer? E ao mesmo tempo uma inquietude. O que se passa naquele ser? Essa inquietude me acompanha, e me faz pensar que não é possível ficar parada, pois, ao olhar e sentir aquelas mulheres, vejo que há um caminho a percorrer, pois elas estão marcadas pela miséria, pela falta de oportunidades, pela violência, pelo desrespeito. Sim, pelo desrespeito, pois não as reconheceram como pessoas dignas e é urgente que elas percebam isso, percebam que devem ser sujeitos, sujeitos de suas próprias histórias, responsáveis por suas opções.

Alegra-me perceber que não vou só. A necessidade da construção de uma pedagogia vem dessa inquietude que está em mim e também em outras pessoas, inclusive em minhas irmãs.

Esta construção pedagógica não significa que tudo está pronto, mas sim que estamos buscando encontrar uma resposta. Não dá pra ficar parada. Se o caminho é certo, vamos descobrir caminhando.

E assim há um caminho a percorrer...

Sim, há um longo caminho a seguir...

CAPÍTULO 1

PEDAGOGIA DE DEUS EM OSÉIAS

1.1. Alguns aspectos da prostituição no Antigo Testamento

Ao fazer um estudo sobre prostituição no Antigo Testamento, percebem-se dois tipos de prostituição que é relevante mencionar e distinguir no presente trabalho. São elas: prostituição secular e cultural. As duas têm algumas semelhanças e diferenças, no entanto, ambas envolvem transações comerciais. Ao falar das diferenças, vê-se que a primeira está relacionada somente às mulheres e a segunda, a pessoas de ambos os sexos.

A prostituição chamada secular pode ser considerada como uma ocupação moralmente inferior e ela não é uma transgressão criminal desde que a mulher envolvida não seja casada. Caso ela o seja, não é apenas considerada como prostituta, mas como adúltera e, sendo assim, deverá ser executada (cf. Gn 38, 24). Quanto à prostituição cultural, a pessoa é repudiada no campo moral e no religioso. Uma passagem que fala da lei e nos mostra isso é Dt 23, 18; nos profetas fala-se da lei em Jr 2, Ez 23 além de Os 1-3, que é o texto abordado neste trabalho. Fala-se também em outros textos tais como: Nm 25, 1ss; 1Rs 14, 24; 15,12; 22,47; 2Rs 23,7; estes últimos ilustram intensamente práticas dos ritos pagãos no antigo Israel. Nesse sentido, durante a era do Primeiro Templo, era necessário lutar contra tais ritos. Uma das formas empregadas era a apresentação de hierodulos, que eram consideradas/os funcionárias/os profissionais do Templo, cujos serviços eram essenciais para a sociedade e regulados pelos costumes e pela lei nas culturas vizinhas. Eram chamadas então de prostitutas comuns. Assim, embora a língua hebraica possua dois termos para “prostituta” e “hierodulos” - “zona” e *qãdes/qedesâ* (“um ser sagrado”, homem ou mulher), respectivamente, os dois são freqüentemente usados de modo intercambiável ou o primeiro termo é substituído pelo segundo, o mais apropriado. A Lei de modo geral emprega o termo “hierodula” quando

proíbe a prática, embora a raiz do verbo seja *znh*, que é a base da forma “zona” (=prostituta) e significa também “deixar, “desviar” de Deus. Os profetas comumente usam o termo “zona” e relacionam-no às mulheres que praticam o rito da fertilidade. Por outro lado, tem-se que as mulheres que traem a confiança do marido são também chamadas de prostitutas, pois se “afastaram” de seu marido, tal é a relação que veremos no livro de Oséias.

1.2. Em tempos de conflitos

O texto abordado, Oséias 1-3, coloca-nos em contato com os oprimidos, excluídos/as e marginalizados pelo sistema que controlava Israel naquele período. Estamos falando dos últimos anos de independência do Reino do Norte, ou seja, final do reinado de Jeroboão II (783-743 a. C), período este marcado por muitos conflitos, pois, com a morte de Jeroboão II, houve em Israel sucessivos assassinatos de reis que se mantinham no poder através de alianças frágeis e submissão à Assíria, a quem Israel pagava pesados tributos. Travaram-se então lutas internas a fim pelo poder, e quem acabava sofrendo com tudo isso era o povo.

Os territórios e a força militar de Israel foram diminuindo e as intrigas palacianas e o domínio assírio aumentando, e a partir daí a força de trabalho aumentava cada vez mais.

É baseando-se nesta realidade que Oséias vem criticar o Estado. Questionando a estrutura vigente, ele denuncia a inutilidade da monarquia, pois sua estrutura trazia mecanismos de opressão ao povo.

No século VIII a. C., Israel vivia a realidade do sistema tributário e aí Oséias criticava o Estado como sendo o responsável pela exploração do trabalho do campo. Esse sistema tributário atrelava crescentemente Israel à Assíria, exigindo pagamento de tributos e força jovem de trabalho do campo para a cidade, seus exércitos e construções. Em Israel, o conjunto social era administrado através da força do exército e através da legitimação religiosa da exploração. Essas eram as duas principais grandezas sociais de um Estado tributário.

O exército atuava num primeiro momento como força de proteção do campo, no entanto, quando o tributo era superior, a força das armas se voltava contra o trabalhador funcionando como coerção. Entretanto, para evitar que perdurasse esse caráter de coerção violenta, acionava-se a religião, que promovia um movimento de amortecimento da consciência, o que se tornava indispensável para a manutenção da ordem social.

Dessa forma, o cotidiano das pessoas estava marcado por um engano. As mulheres não sabiam de onde vinham os materiais básicos para a sobrevivência, tal era a influência do Estado no ambiente da casa.

O problema em que Oséias estava tocando referia-se, além das questões religiosas, às econômicas e políticas do Estado de Israel. A questão era de ordem estrutural. Tratava-se, pois, de quebrar a vitrine dos ritos religiosos de fertilidade para que viesse à tona a base do sistema que oprimia o povo ideologizando a atração sexual e justificando a submissão imposta à mulher. Isto porque o Estado interferiu na lógica procriativa da casa, impondo uma lógica segundo as suas necessidades. Nesse sentido, o aumento da geração de filhos fazia aumentar o poder econômico e militar.

Daí surge a contestação profética frente à política do Estado israelita denunciando a funcionalização do útero da mulher para gerar mais braços para a produção do campo, para os trabalhos da cidade ou mesmo para repor as perdas do exército. Aí podemos encontrar o problema da prostituição, que invade a realidade do país. Vemos, então, como Oséias tratou dessa questão denunciando este Estado que invade os limites da casa, fazendo com que ali adentrasse a prostituição com a finalidade de procriação, e também faz com que meninas e mulheres tenham que ir para a eira conseguir produtos para sua subsistência e a subsistência da casa. Oséias sente na pele a dor da mulher que tem em seu corpo as marcas da prostituição. Daí um dos objetivos de eleger Oséias para este trabalho, pois ele vem ressaltar, através de sua denúncia e crítica, a importância de a dignidade da mulher ser respeitada. Não é possível esquecer a força que tal profecia traz para os dias atuais, em que se vê que milhares de mulheres, jovens, meninas vêm marcados em seus corpos a prostituição, sentem em si o peso do Estado atual, o peso de uma sociedade que as exclui, que não lhes dá oportunidades diferenciadas de vida. E daí, que postura ter frente a esta mulher? Ajudá-la a perceber que ela deve ser sujeito e,

dessa forma, ser ela mesma a voz que denuncie tal realidade. Será necessária uma pedagogia própria para com ela caminhar? É o que irei analisar no presente trabalho.

1.3. Início da relação (Os 1, 2-9)

“Começo das palavras de Javé por intermédio de Oséias. Javé disse: ‘Vá! Tome uma prostituta e filhos da prostituição, porque o país se prostituiu, afastando-se de Javé’. Então Oséias foi e tomou Gomer, filha de Deblaim. Ela ficou grávida e lhe deu um filho. Javé disse a Oséias: ‘Dê-lhe o nome de Jezrael, pois logo eu pedirei contas à casa de Jéu pelo sangue de Jezrael, e destruirei o reino da casa de Israel. Nesse dia quebrarei o arco de Israel no vale de Jezrael.’ A mulher ficou grávida de novo e deu à luz uma menina. Javé disse a Oséias: ‘Dê-lhe o nome de ‘Não compadecida’, pois não terei mais compaixão da casa de Israel e não a perdoarei. Eu, porém, me compadecerei da casa de Judá e a salvarei, porque sou Javé, o seu Deus. Não lhes darei a salvação, nem pelo arco, nem pela espada ou guerra, nem pelos cavalos ou cavaleiros’. Depois de desmamar a ‘Não compadecida’, Gomer ficou grávida de novo e deu à luz outro menino. Javé disse a Oséias: ‘Dê-lhe o nome de ‘Não meu povo’, porque vocês não são mais o meu povo, e eu não existo para vocês.”

A palavra de lahweh chega até Oséias, eis aí o início da profecia, a palavra de lahweh chega à história, este pede a Oséias que *“tome uma prostituta e filhos da prostituição”*. Oséias vai então até Deblaim e toma sua filha em casamento. Tal atitude segue o costume da época, últimos anos do reinado de Jeroboão II, período de decadência do reino do Norte. Pois bem, Oséias toma uma mulher que está marcada pela prostituição. Contudo, vale ressaltar que tanto a mulher quanto os filhos estavam marcados pela prostituição, visto que toda a nação se prostituía (cf. Os. 1,2). A venda do corpo desta mulher se dá dentro da própria casa e é aí que Oséias faz a justiça de lahweh. É isso que veremos a seguir.

É importante perceber que o texto traz alguns detalhes que marcam a importância das relações familiares, ao citar, por exemplo, Deblaim. Dizer o nome dos pais era uma forma de resgatar a memória dos laços de solidariedade entre as casas. Aliás, a casa é o lugar central onde vão se dar a conhecer as relações sociais e seus diversos aspectos de

poder. Da casa dos pais passa-se à casa inaugurada pelo casamento onde agora se vão contar as relações aí vividas.

Alguns autores vão dizer que tanto o casamento quanto a prostituição neste texto são imagens criadas para um discurso profético; outros dizem que Oséias partiu de sua própria experiência, contudo não cabe aqui entrar nesses pormenores; o certo é que a prostituição apresentava-se como um fato próprio desta sociedade e era necessário, portanto, conviver com esta realidade. Oséias e Gomer passaram por isso. A casa deles não fugia da regra. Sendo assim, a prostituição era uma condição que adentrava a casa. Ao nos aproximarmos do texto bíblico, surgem perguntas em relação ao movimento dos corpos que aí se apresenta. Dessa maneira, ao tentar compreender esta realidade, não podemos nos prender apenas ao aspecto religioso.

De acordo com seu lugar social, a prostituição parece ter representado, de acordo com a experiência dos últimos anos em Israel, a possibilidade de o Estado ver atendidas suas demandas. A prostituição pode ser uma possibilidade significativa de integrar o projeto da nação, ou seja, a sexualidade da casa sofreu forte aproximação, a ponto de acelerar o processo procriativo. Ao intensificar a procriação nos ciclos da Colheita, desrespeitavam-se os intervalos necessários entre uma gestação e outra. As ameaças de perda da soberania que Israel sofria talvez sejam a base dessa intervenção do Estado no cotidiano das casas. De acordo com o texto, os corpos não estavam apenas estigmatizados pela prostituição, mas seus movimentos mostram o quanto a experiência da sexualidade transcendia a casa de Oséias e Gomer.

Existem alguns aspectos no texto que têm uma importância significativa: em Os 1,2, Gomer é apresentada com o qualificativo plural – “a mulher de prostituições” – e, também, como a filha de Deblaim. Dessa forma, a expressão “prostituição” usada no plural impede individualizar a condição de Gomer. Gomer estava ao mesmo tempo envolvida em prostituições e dentro da estrutura familiar. O texto profético não a qualifica como prostituta, visto que a “nação se prostituiu”. Dessa maneira o peso recai sobre a nação, e não exclusivamente sobre Gomer. Parece que não só Gomer, mas também outras mulheres se encontravam em situação semelhante, ou seja, outros homens e mulheres viviam experiências como as de Gomer e Oséias. A prostituição do Estado de

Israel atingiu a casa, o lugar do encontro. Aqui, nota-se um ponto importante da pessoa de Oséias, pois visto que toda a Israel estava marcada pela prostituição, era doloroso para muitos pais e esposos verem suas filhas e esposas irem para a eira a fim de se prostituírem, e nota-se que tal atitude era incentivada pelo próprio Estado. Contudo, Oséias não só sente na pele essa realidade como vai além do que qualquer outro homem iria, pois ele se casa com uma mulher que estava marcada pela prostituição. Outro aspecto que é relevante perceber é que o mesmo Estado que cria condições para que essa mulher se prostitua, pois não possibilita oportunidades de vida, é ao mesmo tempo o Estado que a condena e julga.

A constatação de que a prostituição ocorria em toda a nação pode nos ajudar a refletir um outro aspecto, ou seja, o outro lugar que os homens ocupavam, pois não há prostituição sem ambas as partes, o homem e a mulher. Afinal, sem os homens, tal prática não ocorreria. Dessa maneira, muitos comentários ocultam a pergunta sobre a participação do homem fazendo recair sobre a mulher duras e preconceituosas críticas. Ao fazer a analogia e usar a metáfora lahweh-Israel, pode-se reduzir a realidade expressa no texto. A hermenêutica que daí resulta traz uma visão limitada de lahweh e sobrecarregada de estereótipos sobre a mulher.

O rompimento com construções que promovem o preconceito possibilita confrontar articulações como a do matrimônio entre lahweh e Israel, agravadas pela condição de prostituição da parceria humano-feminina. Tais analogias não apenas estigmatizaram e culpabilizaram o corpo da mulher como também obscureceram aspectos textuais significativos da vida das pessoas. As pessoas que eram vítimas da prostituição tornaram-se culpadas de tal prática. Aquelas que tinham em seus corpos a marca da opressão tornaram-se responsáveis por tal, sem o sê-lo.

O texto profético, porém, traz luz à dinâmica das relações sociais entre homens e mulheres e eis aqui um desafio a compreender, a saber, a complexidade em que se dão essas relações. É necessário perguntar que relações aparecem aí. Quais são as relações em que a mulher se encontra envolvida neste contexto?

É interessante perceber que, na relação entre Oséias e Gomer, um dos movimentos experienciados era o de conceber, gerar, amamentar. Na verdade, o texto

oculta de certa maneira a figura de Oséias que aparece como aquele que ouve e acata a Palavra de Iahweh, e dá ênfase ao corpo grávido de Gomer. Este corpo grávido está em um contexto, Estado de Israel, em que se estimula a vivência da sexualidade a fim de aumentar o número de habitantes. Contudo, estimula-se esta vivência da sexualidade fora dos limites da casa – em prostituições e adultérios. Daí vemos a proclamação dos nomes dos filhos que nascem dessa relação como negativos e também como crítica ao Estado. Os nomes comunicam uma condição não propícia ao desenvolvimento da vida.

Através do texto profético e da articulação entre a fertilidade do ventre de Gomer e a crítica do reinado de Israel, vê-se o que se passava naquela conjuntura. “O fato de o Estado ser ameaçado e criticado em cada sinal de gravidez e nascimento das crianças levanta a suspeita de que esse conflito – entre corpo fecundo e Estado – afligia a vida cotidianamente, tanto no interior da casa como em suas relações externas”⁴.

A concepção, a gestação e a maternidade não devem ser ato apenas das mulheres. Dessa maneira, um corpo que não estivesse pronto à reprodução era uma ameaça ao Estado que era sustentado por esta. O corpo de “prostituições” de Gomer era o mesmo que gerava vida. Tanto a mulher quanto as crianças estavam marcadas por uma realidade que lhes era anterior – a prostituição da nação (1,2). Esse fato me faz recordar de uma mulher, G., que, relatando certa vez sobre sua vida e os desafios que enfrentava na prostituição, dizia: *“As pessoas pensam que temos somente esta vida, que antes de estar aqui eu não era nada, elas se esquecem que antes de ser prostituta eu tinha uma vida como a de outra pessoa qualquer”*. Antes de Gomer ter seu corpo marcado pela prostituição, é fundamental ressaltar que este corpo também era gerador de vida. Portanto, cada mulher traz em si um mistério de vida inesgotável, uma fonte que pode ser retomada, que deve ser resgatada e não ficar esquecida ou perdida em meio às marcas de dor que ela enfrenta.

É na realidade de prostituição em que vive o Estado que Oséias **vai ao encontro**, *“Vai e toma uma prostituta e filhos de prostituição”*. É o início da relação, relação esta que se realiza na casa e que posteriormente traz frutos: os filhos. Contudo, são filhos também marcados pela prostituição, afinal toda a nação o estava. Pois bem, Oséias “ouve e acata”

⁴ Sampaio, Tânia Mara Vieira. *Movimentos do corpo prostituído da mulher: aproximações atribuídas a Oséias*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 48.

a Palavra e dá início a uma relação: “*ele foi e tomou Gomer, filha de Deblaim*”. Primeiro passo, portanto, **ir ao encontro, iniciar a relação**.

Quem de certa maneira não se escandaliza ao ver que, no início de um livro profético, Oséias toma uma “prostituta” por esposa? Ele conduz para seu leito a meretriz, ele dá a ela sua importância, não inicia com ela uma relação qualquer, mas se mostra pródigo.

Oséias não é indiferente à realidade de sua época, sabe que Gomer estava marcada pela prostituição e não a condena por isso. Ele sabe que em todo o país há “*juramento falso e mentira, assassínio e roubo, adultério e violência...*” (Os 4, 2). Ele valoriza a dignidade dessa mulher, não a trata como outros homens a tratariam, inicia uma relação em atitude de escuta, **inicia um processo** que vai levá-la à libertação pela qual ela poderá se tornar sujeito de sua própria história, inicia uma pedagogia que tem por base o Amor.

“Então Oséias foi e tomou Gomer... ela ficou grávida”

O ventre dessa “mulher de prostituições” também era gerador de vida; “ela ficou grávida”. Contudo, o nascimento desta criança traz uma crítica ao Estado. Seu nome é Jezrael, conforme diz o texto: “Dê-lhe o nome de Jezrael”. No entanto, segundo a profecia, esse nome não trazia boas notícias: “*pois logo eu pedirei contas à casa de Jéu pelo sangue de Jezrael, e destruirei o reino da casa de Israel...*”. O nome dessa criança traz o anúncio de castigo da dinastia do rei, desta forma, do corpo da mulher gesta-se uma proclamação de destruição das estruturas vigentes. Estruturas que impediam que o fruto desta relação fosse bom, porque o país estava marcado pela prostituição. Jezrael denuncia as estruturas que estavam esmagando o povo e também gerando prostituição, denúncia que é ainda fruto de resistência de quem traz no CORPO a marca do sistema.

“De Gomer veio o corpo da criança, que se fez palavra e habitou na luta humana para exigir condições dignas. Denúncia e anúncio se misturavam. Morte do Estado e vida dos filhos revelavam a necessidade de pôr fim a algumas instâncias, para o início de

outras possibilidades de vida. Era palavra e movimento que procediam da força resistente dos proscitores, dos que traziam a marca do sistema em seu próprio corpo”⁵.

Gomer experienciou ainda outras gestações: “*A mulher ficou grávida de novo e deu à luz uma menina*”. Nasce, portanto, “*Lo ruhamah*”, “*Não-Compadecida*” – a não amada. Esta traz para as relações a realidade da falta de amor que dá possibilidade à vida. A menina nasce de um ventre que é incapaz de amar. E a mulher carrega em seu corpo esta marca, ela sente em si as conseqüências de uma sociedade que não possibilita a ela ser geradora com dignidade, pois tem que se prostituir para sobreviver. O termo não-amada vem de “*amor entranhado*”, em hebraico *rhm*, e tem a mesma raiz que “útero” e “entranhas”. Com esse nome se expressa a experiência limite que o casal vivia. Eles se sentiam expulsos do seio gerador de vida que era Deus. O Estado, em vez de alimentar a vida, estava se alimentando dela e isso é uma contradição. Em oposição a isso, Gomer amamentava sua filha com o intuito de preservar a vida. Por fim, nasce “*Não-meu-povo*”, que vem mostrar a gravidade da crise, pois rompe-se a aliança, não há mais vida.

Refletir sobre este primeiro ponto (Os 1, 2-9) não deixa de trazer alguns aspectos importantíssimos para a reflexão da pedagogia que Oséias utiliza para com Gomer.

Oséias ouve a Palavra de Javé, e por isso vai e toma uma mulher marcada pela prostituição. Este ir ao encontro e iniciar a relação, o processo, demonstra uma credibilidade, um acreditar que essa mulher tem sua importância, não é apenas indivíduo, mas pode ser sujeito, responsável por sua história. Por outro lado, mostra que não é ela a única responsável pela realidade em que se encontra, afinal, “o país se prostituiu”, há um **contexto** próprio onde está envolvida. Essa mulher se encontra numa realidade concreta, portanto, não basta apenas **ir ao encontro**, é muito pouco ser apenas presença, é preciso perceber seu contexto, estar atento à realidade, questionar, e esta foi uma atitude fundamental de Oséias.

Perpassando o texto, percebe-se que essa mulher marcada pela prostituição traz também em si a vida. O texto é claro ao mostrar que ela gera vida: “a mulher ficou grávida”. Essa mulher tantas vezes considerada como objeto, como mercadoria de

⁵ *Ibidem*, p. 52.

produção, também traz em si o útero da vida. Por outro lado, essas crianças, essas vidas que dela brotam denunciam a realidade, o contexto de opressão em que se encontra.

1.4. Em tempo de separação (Os 2,1-15)

“Os filhos de Israel serão tão numerosos como os grãos de areia do mar, grãos que ninguém pode medir nem calcular. E, então, onde lhes diziam: ‘Vocês não são o meu povo’, nesse mesmo lugar serão chamados ‘filhos do Deus vivo’. Os filhos de Judá se reunirão com os filhos de Israel, nomearão para si um só chefe e se levantarão da terra, porque será grande o dia de Jezrael. Comecem a chamar seus irmãos de ‘Povo-meu’ e suas irmãs de ‘Compadecida’.

Processem a mãe de vocês, processem! pois ela não é mais minha esposa e eu não sou mais o seu marido. Que ela tire do rosto as suas prostituições e de entre os seios o seu adultério. Senão, eu a deixarei completamente nua, como no dia em que nasceu; farei dela um deserto, a transformarei em terra seca, farei que ela morra de sede. Não terei compaixão de seus filhos, pois são filhos de prostituição. A mãe deles se prostituiu e se desonrou aquela que os gerou. Ela dizia: ‘Eu vou com meus amantes; eles me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu vinho e o meu azeite’. Por isso, vou fechar com espinheiros o seu caminho, vou cercá-lo com uma barreira para que ela não encontre suas veredas. Ela correrá atrás de seus amantes sem poder alcançá-los; vai procurá-los, mas não os encontrará. Então dirá: ‘Quero voltar para o meu primeiro marido; naquele tempo eu era bem mais feliz do que agora’. Ela não reconheceu que era eu quem lhe dava o trigo, o vinho e o azeite; quem lhe multiplicava a prata e o ouro, que eram usados para fazer um ídolo. Por isso, retomarei o meu trigo e o meu vinho na época da safra, retomarei a minha lã e o meu linho que cobriam a sua nudez. Porei a nu a sua vergonha ante os olhares de seus amantes. Desta vez ninguém vai arrancá-la de minhas mãos. Acabarei com sua alegria, com suas festas e seus dias santos, com os seus sábados e com as celebrações solenes. Arrasarei sua videira e sua figueira, das quais ela dizia: ‘Esta é a paga que recebi dos meus amantes’. Vou transformá-los em matagal, e as feras darão fim a elas. Pedirei contas de quando ela oferecia incenso aos ídolos, de quando se enfeitava de anel e colar para correr atrás de seus amantes e se esquecia de mim – oráculo de Javé”.

Neste capítulo é relevante perceber logo ao início a inversão dos nomes dos filhos de Gomer, trazendo assim uma nova perspectiva para a nação. Essas novas perspectivas conjugam forças entre mãe-pai-terra, mediando a discussão sobre a prostituição que marcava aquele cotidiano. Enquanto no outro capítulo se denunciava a estrutura vigente que ameaçava a vida, neste se apresentam possibilidades e sinais de esperança. Se naquele capítulo se criticava por meio de ameaças, neste as críticas são feitas mediante anúncios.

O início do texto Os 2, 1-3 mostra antecipadamente as possibilidades do futuro, fazendo assim a análise da complexidade das relações que se dão na casa e um exemplo disto é o processo de separação que vai ocorrer.

A mudança dos nomes dos filhos figura como promessas de dias melhores e, sendo assim, a casa de Gomer e Oséias, ao pronunciar a mudança desses nomes, mostra que é neste espaço, onde aconteciam as relações familiares, que também se davam as relações da conjuntura de prostituição, das relações entre marido, mulher e filhos marcados por essa conjuntura.

Processo de Separação

Após surgir um novo significado do nome das crianças, insere-se no texto um novo momento: o processo de separação, de divórcio, ou seja, o processo contra Gomer com o rompimento da aliança entre o homem e a mulher. A presença dos filhos neste processo é dado relevante, pois diante dessa realidade pesava sobre as crianças a ameaça se serem abandonadas pelo pai. Essas situações mostravam, segundo a profecia, como a prostituição marcava o corpo da mulher.

“...Que ela afaste as prostituições de seu rosto, e os adultérios de entre os seios...”

Agora existe um problema que se refere aos sinais de prostituições e adultérios que estavam no corpo da mulher. Seu rosto e seus seios revelam seu envolvimento nessas práticas. Antes, tinha-se um corpo que estava na casa, circulando entre uma

gravidez e outra; agora se vê esse corpo em espaços comunitários. O problema apresentado agora era o de decidir sobre o corpo da mulher, seja abandonando os sinais de seu corpo, seja expondo este corpo nu em público.

“...Senão, eu a deixarei completamente nua, como no dia em que nasceu; farei dela um deserto, a transformarei em terra seca, farei que ela morra de sede...”

Esta fala equipara a mulher às condições do deserto. As expressões “como no dia em que nasceu” e “a transformarei em terra seca” trazem perspectiva de falta de condições para a sobrevivência. Contudo, o deserto não é apenas lugar com cunho negativo, pois é lá que posteriormente será o lugar onde se seduz a mulher para assim recomeçar a relação. O deserto recorda também as coisas positivas, tempos favoráveis, possibilidade de novas condições de vida. A partir das relações sociais em Israel desde o eixo da prosperidade do homem sobre a mulher, surge uma possibilidade de ver este texto como um sinal de confronto com o poder, onde as mulheres ocupam um espaço social desde a prostituição. Essa prática social podia representar para a mulher, entre outras coisas, a liberdade em relação ao domínio do homem desde a casa até o poder sobre o seu próprio corpo. Aqui é interessante notar o aspecto da AUTONOMIA, ou seja, no processo que se desencadeou com o início da relação, início do processo, aqui se tem a conquista de AUTONOMIA da mulher sobre seu corpo. O que não deve, pois, prevalecer é que a prostituição seja o único meio para que a mulher seja autônoma; há outras formas. O que acontece é que a realidade do país a coloca nessa posição. É preciso avançar para que esta mulher não seja apenas vista como objeto de prazer, mas torne-se sujeito, responsável por sua própria história. Daí vem um aspecto importante, pois Oséias pode ser alguém que ajude a despertar uma nova forma de relação com a experiência que ela vive; um aspecto portanto fundamental nesta pedagogia: DESPERTAR, para que a própria mulher analise sua experiência e neste caso ela possa ter um olhar crítico sobre sua realidade, tornando-se então sujeito.

“A prostituta estava fora das relações de pertença a um homem, fora das relações da casa, podendo decidir sobre o corpo e receber pagamento pela profissão. Tinha ganhos em termos materiais – em produtos para a subsistência – que as outras mulheres só conquistavam enquanto filhas, esposas, irmãs ou escravas”⁶.

Há aqui um paradoxo, pois, por um lado parece a mulher ter controle sobre o próprio corpo, por outro o marido propõe rompimento caso a mulher não mude seu jeito de lidar com o corpo, ou seja, Oséias propõe que esta mulher seja sujeito de sua própria história e aprenda pois a usar deste poder que ela tem de seu próprio corpo. Porém, a complexidade não pára aí, pois o mesmo “salário de prostituição” que a mulher recebia era o salário que servia de subsistência para quem estava na casa, ou seja, o pagamento recebido pela prostituição trazia sustento à casa. Grande paradoxo, pois, apesar de propor que esta mulher seja sujeito, há de se ver o contexto em que a mulher se encontra, contexto este que por vezes evidencia desafios que a impedem de ser sujeito, pois a obriga a usar de seu corpo para trazer sustento à casa. Sendo assim, o ponto central do problema e a causa da separação eram os produtos que ela trazia para casa.

“...Porque se prostituiu sua mãe, envergonhou-se aquela que concebeu; porque dizia, andarei atrás de meus amantes que me dão meu pão e minha água, minha lã e meu linho, meu óleo e minha bebida...”

Ao analisar esta realidade é relevante identificar os conflitos que daí surgem, pois é necessário questionar: quem realmente produz tais conflitos? Afinal de contas, essas relações de poder acabavam por ocultar aqueles que estavam sendo criticados pela conjuntura que permitia que a mulher saísse à rua atrás de seus amantes, filhos jogados ou expulsos e até homens que não compreendiam porque tudo isso acontecia em suas casas. Assim, ao desmascarar esta realidade, apresenta-se a conjuntura econômico-política e religiosa que perpassava o cotidiano. Ao identificar as pessoas e as relações

⁶ Ibidem, p. 71.

sociais de poder que aí se apresentam, pode-se entender os mecanismos que exigiam “prostituição” e “adultério” como regra de sobrevivência em Israel, no século VIII a. C.

É preciso tirar da mulher toda a culpa que recai sobre ela, pois todo o Estado estava marcado pela prostituição. Dessa maneira, o texto nos traz alguns indícios de que podem nos ajudar a retirar da mulher a exclusividade da culpa. Deixando este ponto da culpabilização, o discurso pode proporcionar o questionamento sobre a responsabilidade de Oséias e Gomer no processo. Pois, se Gomer trazia produtos dos amantes, ela os trazia para casa e, assim, todos usufruíam desses produtos, inclusive Oséias. De acordo com o prosseguimento da profecia, é possível compreender as atitudes do homem e da mulher, pois o texto não se encaminha para determinar a morte da mulher por adultério, conforme era previsto por Lv 20, 10. Em Os há a tentativa da construção de novas relações, que devem se dar de forma horizontal, pois são os dois responsáveis, os dois são sujeitos e não apenas uma das partes.

Os produtos de subsistência ocupam lugar central no capítulo enfatizando as relações da mulher com os filhos (Os 2,6), o marido (Os 2, 10) e os amantes (Os 2, 7), mostrando também que prostituição e adultério afetavam mulher, crianças e marido.

A preocupação com os produtos das relações mulher-marido-filhos-amantes mostra alguns dos principais problemas daquela conjuntura e o quanto estes interferiam nas relações dentro da casa.

A situação era séria. Desde o começo da profecia, a prostituição não caminhou isolada da mulher. Se, por um lado, a questão não se resolvia apenas com a condenação da mulher, era porque o problema envolvia também o acusador, ou seja, a mulher de prostituições e os filhos afetavam a vida do marido. Sendo assim, o problema não era só da mulher e dos filhos, mas também do marido.

O problema era bem abrangente, pois além de haver um processo de separação, o texto aponta para uma conjuntura que comprometia a vida da mulher e daqueles que viviam na casa. A situação mostrava o poder da mulher no exercício da prostituição, poder pelo qual era necessário dialogar.

“Afinal, analisar a fertilidade das mulheres, e seu controle sobre o produto para garantir a vida na casa, requer enfrentar o fato de que a prostituição que atingiu Gomer em sua juventude, ainda na casa de seu pai, certamente ocorreu com outras mulheres em Israel. Pois a condição de prostituição de Gomer e de seus filhos foi procedida pela realidade nacional, evidenciando que as condições de prostituição do país eram mais amplas que o ocorrido na casa desse casal em litígio”⁷.

Naquele tempo exigiu-se das meninas de Israel uma participação no ritual da prostituição. Era um modo de garantir a procriação das famílias, maneira usada para cumprir as obrigações com o tributo do Estado.

Israel era pressionado pelo Império Assírio e, sendo assim, eram necessárias mais mulheres. O poderoso Império dominava boa parte do reino do Norte. Neste contexto, portanto, a mulher deveria produzir e reproduzir para garantir possibilidade de vida diante do Império.

“A fala profética, entoada no processo de divórcio, traz luz à realidade vivida e mostra que não se podia deixar de dialogar com a mulher. Em seu corpo, ela reunia condições relevantes de poder, capazes de pôr fim a uma situação ou a ela dar prosseguimento. Fica claro o seu controle sobre a reprodução e a produção. Frear ou dar novos rumos ao processo implicava aliar forças com essa mulher”⁸. O Estado estava pois a controlar o corpo da mulher. Esse é um dado interessante, pois o controle acaba por ser uma forma de não deixar o outro ser sujeito.

“...Por isso, vou fechar com espinheiros o seu caminho, vou cercá-lo com uma barreira para que ela não encontre suas veredas. Ela correrá atrás de seus amantes sem poder alcançá-los; vai procurá-los, mas não os encontrará. Então dirá: ‘Quero voltar para o meu primeiro marido; naquele tempo eu era bem mais feliz do que agora’. Ela não reconheceu que era eu quem lhe dava o trigo, o vinho e o azeite, quem lhe multiplicava a prata e o ouro, que eram usados para fazer um ídolo”.

⁷ Ibidem, p. 75.

⁸ Ibidem, p. 78.

A partir desse trecho tem-se um novo momento do texto e aqui se apresenta uma nova postura do homem em relação à mulher. O ponto principal desse trecho não está tanto na ruptura da relação, mas na busca de refazê-la. A atitude do marido está em “fechar o caminho”, atitude para alertar a mulher para as diversas ilusões que a envolviam nessa realidade.

O trecho volta a insistir na questão dos produtos, reforçando a perspectiva de que homem e mulher retomassem o controle de seus corpos e dos produtos. Nesse momento do diálogo, o centro do poder constituído pela sexualidade é um confronto com o Estado. No entanto, neste momento o Estado aparece representando a religião dos Baals.

Ao introduzir ao lado dos produtos a referência a Baal, começa-se a explicitar como a religião cananéia estava fortemente presente no cotidiano do povo de Israel.

O aparecimento da divindade no texto possibilita questionamentos frente às conseqüências que este provocaria na vida de Israel. Sendo assim, pode ser que houvesse alguma relação de Baal e seus ritos com as dificuldades enfrentadas pelo casal na administração dos produtos. De acordo com a experiência religiosa, pode ser que se pense que a fertilidade da terra e os produtos estavam relacionados a Baal e por isso deveria ele ser reverenciado. Contudo, neste caso a reclamação do marido só faria sentido se somente a mulher estivesse equivocada quanto à origem dos produtos, mas este não é um problema só da mulher, pois toda a casa era sustentada por esses produtos que vinham dos amantes.

“A preocupação em focalizar, nesse poema, os momentos da relação entre mulher e homem difere da postura analítica de vários comentários que visualizam outras parceiras, e não esta. Tais comentários ora falam da parceria de Iahweh e a mulher, ora da de Iahweh e Israel, ora ainda da do marido e a mulher. Porém, conduzem a interpretação para o eixo da relação de Deus com o povo, raramente ocupam-se da identificação do casal concreto e seu enfrentamento da realidade”⁹.

⁹ Ibidem, p. 81.

Há diferenciados comentários sobre Oséias, porém, poucos deles, quase nenhum, põem em foco a realidade cotidiana do casal apresentado no texto. Está fora de foco nos comentários a análise do que se passava entre o marido e a esposa. Sobressai, ao contrário, um processo entre mulher e lahweh. Contudo, é importante dizer que a condição de prostituição marginalizava, como ainda hoje marginaliza e ainda depunha contra a autoridade do marido.

A condição de prostituição marcava os corpos e seus movimentos relacionais. Esse era um fato social que estava presente no casamento, no nascimento dos filhos, na relação com os amantes, na questão dos produtos para a subsistência. Dessa forma, a prostituição não aparece no texto profético como uma figura de linguagem, era algo que marcava a vida das pessoas daquela época.

O trecho analisado (vv. 8-10) mostra a alternativa de **provocar consciência**, despertar na mulher uma nova forma de relacionar-se com sua experiência. Contudo, não é mostrado no texto que a mulher tenha voltado sua postura diante da realidade. Por outro lado, a situação do marido começou a parecer problemática, afinal de contas o tema dos produtos referia-se aos dois. No entanto, a seqüência do texto tende a censurar a atitude da mulher.

A partir de Os 2,11, inicia-se um monólogo em que o discurso profético é bastante severo. O autor do processo faz de tudo para reverter o caminho da mulher, antes ele já advertia:

“...Senão, eu a deixarei completamente nua...”

E agora diz:

“...Por isto, retomarei o meu trigo e o meu vinho na época da safra; retomarei minha lã e o meu linho que cobriam sua nudez... Desta vez ninguém vai arrancá-la de minhas mãos...”

Os elementos que agora aparecem parecem mais fortes não são totalmente novos comparados aos de vv. 4-10.

De acordo com uma análise feita sobre as relações deste cotidiano, é importante perceber o movimento dos corpos e, ao observá-las, vê-se que algumas vezes são mencionados adornos que distinguem o corpo da mulher. No poema, tais enfeites do corpo da mulher podem expressar variadas realidades. Esses adereços podem desencadear algumas vertentes interpretativas.

Um aspecto seria que esses adornos estariam vinculados à religião. Alguns associados às prostitutas sagradas, outros aos ritos cananeus de colheita e fertilidade. Uma outra vertente considera o adorno ainda como artigo de intercâmbio comercial, ou seja, um poder econômico e religioso marcava sem dúvida este corpo que transitava pela casa, pelas ruas, festas e assembléias.

Nessa poesia há muitas questões que explicitam a prostituição. Existem relações de poder que acabam por colocar homem e mulher em diálogo. Desvincular o movimento do corpo apenas da questão cúltica permite-nos analisar aspectos de dominação: a maneira de se vestir, o movimento do corpo, os adornos remetem à casa como lugar aonde a mulher vem e vai. Ao analisar tais sinais é possível desvendar o encontro das pessoas que se dá nestas relações sociais. O que importa aqui é reconhecer a dinâmica de poder da qual homens e mulheres participam.

O texto profético proporciona sinais significativos da autonomia do corpo de mulher. Sendo autônomo, seu movimento entra em confronto com o marido.

Frente à complexidade destes vv.11-15, é muito pouco dizer que a ameaça tivesse apenas caráter de cunho econômico ou religioso. A questão era mais abrangente, pois a insistência em se falar dos produtos trazidos pela mulher mostra que marido e mulher estavam diante de um momento de esgotamento das condições de manutenção da casa. Contudo, vale ressaltar que esses versículos retratam ainda o período da colheita, colheita esta negada à esposa por parte do marido.

No mesmo ambiente de colheita onde havia festas (v.13), havia um espaço no qual acontecia a prostituição das filhas e o adultério das recém-casadas, conforme se diz em Os 4, 14.

A reflexão sobre os poderes dos grupos sociais é parte importante do núcleo desse discurso, ou seja, o poder da mulher sobre as jóias ou sobre seu corpo mostra uma ameaça à continuidade do projeto do Estado.

A mulher pode ter se valido de alternativas possíveis de seu tempo para garantir a subsistência sua, de seus filhos e daqueles que viviam na casa. Mesmo quando, no v. 10, suas palavras demonstram saudades do tempo anterior, pode não ser mero interesse nos produtos e sim ela poderia estar se referindo a um tempo melhor, quando ela não precisaria mais recorrer à prostituição para sobreviver.

As ameaças que o marido faz à mulher possibilitam perceber que o problema transcendia o casamento e que ele desejava converter-se junto dela numa busca de novas formas para organizar as relações sociais (cf. vv. 16-22).

“O problema se mostrava tão grave que não é o bastante observar que o marido lhe negaria a colheita ‘em seu tempo’, mas poderia atrever a devastação dos produtos mais preciosos ao dizer: ‘arrasarei sua videira e sua figueira’. Por mais que sua fala fosse crítica à mulher e inserida num contexto de divórcio, é inevitável pensar que tal colheita frustrada representava um acontecimento que a nação já começava a experimentar nesse período, e não era ele (marido, nem mesmo Iahweh) o causador direto disso”¹⁰.

1.5. Restauração das relações (Os 2,16-25)

“Agora, sou eu que vou seduzi-la, vou levá-la ao deserto e conquistar seu coração. Aí eu lhe devolverei as videiras, e o Vale da Desgraça se transformará em Porta da Esperança. Aí ela vai me responder como nos dias de sua mocidade, como no dia em que saiu da terra do Egito. Nesse dia – oráculo de Javé – você me chamará ‘Meu marido’ e não mais ‘Meu ídolo’. Vou tirar de seus lábios o nome dos ídolos, e esses nomes nunca mais serão lembrados. Nesse dia, farei em favor deles uma aliança com as feras, com as aves do céu e com os répteis da terra. Eliminarei da terra o arco, a

¹⁰ Há que se considerar que o momento em que tais situações ocorreram era de grande pressão dos assírios, que traziam desolação e devastação ao reino de Israel. A atribuição a Iahweh pode ser uma leitura teológica posterior ao fato concreto resultante dos encaminhamentos político-sociais em Israel no período. A divergência no processo é grande. Enquanto busca-se aqui identificar as relações sociais concretas do homem e da mulher naqueles dias de festas, alguns comentários insistem que o texto apenas se refere ao castigo à mulher e, por analogia, ao povo. Cf. ALONSO SCHONKEL, L. e SICRE DIAZ, José L. op. Cit., p. 905; WOLFF, Hans Walter, loc. Cit.; ANDERSEN, Francis e FREEDMAN, Davis, op. Cit., p. 245.

espada e a guerra; e, então vou fazê-los dormir em segurança. Eu me casarei com você pra sempre, me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu me casarei com você na fidelidade e você conhecerá Javé. Nesse dia – oráculo de Javé – eu responderei ao céu e o céu responderá à terra; a terra responderá ao trigo, ao vinho e ao azeite e eles responderão a Jezrael. Eu a sementearei na terra, terei compaixão da ‘Não-Compadecida’ e direi ao ‘Não-meu-povo’: ‘Você ó meu povo’. E ele responderá: ‘Meu Deus’”.

O texto traz muitas surpresas, pois agora se dá a restauração das relações. De um discurso que ameaçava, passa-se agora para o discurso da sedução. Começa a surgir um novo momento na vida do casal.

A partir daqui se tem a reconstrução do diálogo entre homem e mulher, que na verdade procuravam reconstruir suas relações e viver com dignidade em um país ameaçado de extinção. Sendo assim, pode-se dizer que o processo de separação provocou em ambos uma nova consciência da realidade. A mulher, pelo seu corpo, mostrou-se nos primeiros capítulos da profecia como integrante de um grupo social que fez de sua condição de prostituição espaço de poder.

A novidade que aparece aqui é a inovação de permitir que a memória os ajudasse a celebrar a esperança de mundos diferentes, mas possíveis. Diante da conjuntura que se apresenta, vê-se proceder da boca do homem:

“Agora, sou eu que vou seduzi-la, vou levá-la ao deserto e conquistar seu coração...”

Essa atitude do homem estava marcada por sua nova percepção da realidade e também por reconhecer a parcela de poder da mulher frente a alguns acontecimentos do cotidiano.

No diálogo ocorrido no processo de separação, após expor todas as suas acusações, lhe é possível recordar tempos de esperança. O deserto aqui ganhou novo sentido. Não era mais lugar de encontro com a esperança.

Reconstruir a relação tendo por base a memória positiva do deserto implicava uma relação de **gratuidade** entre eles. Aí o homem diz à mulher: **“Aí eu lhe devolverei as videiras...”**, ou seja, aquele que antes prometera tirar as vinhas agora as dava **por amor**, como forma de trazê-la de volta. Apresenta-se aqui uma reciprocidade das relações.

O conjunto de recordações que aqui se apresenta frente ao diálogo entre homem e mulher também remete à memória da história de Israel, ou seja, falar das vinhas que serão dadas no deserto pode recordar os tempos em que, não havendo produção, o povo de Israel dependia das alianças entre grupos para garantir a subsistência.

É interessante perceber o ponto chave desse trecho: **a gratuidade**. Pois agora vemos um lahweh que promete restituir as vinhas que antes havia ameaçado tirar. Aqui a insistência está em perseguir os caminhos de **gratuidade** a fim de restaurar as relações. A garantia da esperança do casal estava na memória, ou seja, o que importava naquele espaço de sedução era que a esperança se firmasse. Apresenta-se nesse trecho uma nova possibilidade de relação entre homem e mulher na casa (cf. v. 19), com animais do campo e a proteção da produção. Outra relação para firmar o matrimônio (vv. 21-22) e com os filhos (v. 25).

Este conjunto final mostra a necessidade da construção de diversas alianças. O homem propõe não ser chamado mais de ba'al (senhor/dono) da mulher; ele agora quer estar com ela como seu “homem”, “companheiro”, “marido”, indicativos de que novas relações no interior da casa estavam por vir. De acordo com a importância desses dados, é preciso antes de qualquer cunho religioso ler os versículos no contexto da sedução, no espírito daquele homem que se dispôs a levar a mulher para o deserto e falar-lhe ao coração. Por outro lado, não mais chamar de “eu Baal” é, dentro do contexto da casa, reconhecer que houve muita mudança entre eles. Sendo assim, toda e qualquer reconstrução dependeria do respeito que cada qual aprendera dentro daquela conjuntura.

“...Eu me casarei com você para sempre, me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu me casarei com você na fidelidade e você conhecerá Javé...”

O momento mostra uma mudança necessária, o contexto indica que os tempos são outros e isso se reflete no ato de desposar. Tais inferências mostram a reconhecida autonomia da mulher frente a seu corpo e às providências que teve que tomar para garantir o sustento da casa. É importante ter claro que, no processo de separação, ela apareceu como interlocutora e não apenas como ouvinte de denúncias e ameaças. Mesmo que se diga que o texto poucas vezes apresentou falas dela, sua participação ativa estampava-se nas marcas de seu corpo. Diante da força que tem essa mulher, seria difícil reconhecer apenas no marido o sentido de amor misericordioso.

“Estabelecidas novas relações entre homem e mulher, a terra e os filhos reaparecem com possibilidades novas. Os nomes tornaram-se outros, anunciando destinos inversos ao que receberam no nascimento. Naquele instante estavam então sendo mencionados simultaneamente ao novo processo de fecundidade da terra, que responderia produtivamente com o olhar de Iahweh”¹¹.

¹¹ SAMPAIO, op.cit.p.101.

CAPÍTULO 2

A PEDAGOGIA DE JESUS COM AS MULHERES DE SEU TEMPO

2.1. Jesus e as mulheres de seu tempo

O relacionamento de Jesus com as mulheres de seu tempo é marcado por uma profunda liberdade. Ele deixa de lado os preconceitos que o proibiam de falar com as mulheres e com elas mantém encontros freqüentes. É certo, porém, que tais encontros causam surpresa e admiração de muitos. Alguns dos exemplos vemos quando a pecadora (Lc 7, 36ss) se aproxima dele e o toca, ou quando no poço ele conversa com a samaritana, o texto joanino nos mostra a reação dos discípulos: “... *os discípulos de Jesus chegaram. E ficaram admirados de ver Jesus falando com uma mulher*” (Jo 4, 27). Jesus não apenas fala com as mulheres, mas introduz também uma mudança radical junto aos mestres de sua época. Ele se permite ter discípulas que o escutem (Lc 10, 38-42); deixa-se tocar por elas, como vemos em Mc 5, 25-34. A partir daí, Jesus traz uma importante mudança, pois de acordo com a Tradição antiga, sobretudo farisaica, uma mulher que sofria de fluxo de sangue tornava impuro aquele que ela tocasse (Lv 15, 19-30). Jesus, ao se deixar **tocar** por ela, rompe com o preconceito da impureza que caía sobre as mulheres. Para ele, o importante não é ser “puro” ou “impuro”, mas confiar nesta mulher e **aproximar-se dela**. Exatamente por isso que, quando lhe trazem a mulher pega em adultério (Jo 8, 1-11), ele não a condena ou julga, mas aproxima-se dela e faz com que ela sinta seu Amor. A situação social da mulher no tempo de Jesus é marcada por uma estrutura patriarcal, na qual a mulher não podia participar da vida pública.

Ao sair de casa, a mulher judia deveria ter o rosto coberto com um toucado que compreendia o véu sobre a cabeça. Seu rosto não podia ser visto, somente no dia do casamento. Se a esposa fosse virgem, poderia desfilar no cortejo com a cabeça descoberta.

Nas cortes e no mundo rural, lugares onde a mulher vai à fonte, os costumes eram menos rigorosos. Era proibido ficar a sós com uma mulher, olhar para uma casada ou até mesmo cumprimentá-la. Era, portanto, uma desonra falar com uma mulher na rua.

Na família, caso houvesse filhos homens, as filhas mulheres não tinham direito à herança. O pai tinha poder exclusivo sobre a filha, sendo que cabia a ele organizar seu casamento.

Com relação à religião, a mulher estava sujeita a todas as proibições da Torá. Na sinagoga, ela ficava numa sala separada dos homens, sendo que não tinha acesso às salas onde se ensinava a Torá. Em casa, ela não era contada entre aquelas pessoas convidadas a pronunciar o agradecimento após a refeição.

“A tudo isso, acrescentamos ainda que não faltam juízos desdenhosos a respeito da mulher; é surpreendente constatar que estes existem em maior número que os juízos favoráveis, os quais, na verdade, nem por isso deixam de existir. É extremamente significativo o fato de que o nascimento de um varão seja motivo de alegria, ao passo que o nascimento de uma menina seja freqüentemente marcado pela indiferença e até mesmo pela tristeza. Temos, pois, a impressão de que o próprio judaísmo do tempo de Jesus tinha pouca consideração pela mulher, o que é comum no Oriente, onde esta é valorizada acima de tudo por sua fecundidade, é mantida afastada do mundo exterior o máximo possível e vive submissa ao poder do pai ou do esposo, pelo que, a começar do ponto de vista religioso, não se iguala ao homem”¹².

2.2. Jesus se encontra com uma mulher (Jo 4, 4-30)

Jesus está viajando e em suas andanças tem que passar pela Samaria. Ele chega a uma cidade chamada Sicar, uma terra carregada de história que remonta às origens de Israel. É neste local que se encontra o poço de Jacó. Aí Jesus pára, está cansado da viagem e precisa descansar. Era quase meio dia.

Jesus senta-se junto ao poço. No Antigo Testamento há muitas citações com relação ao poço (cf. Gn 26). Este é considerado lugar do encontro, tal como vemos que

¹² J. Jeremias, o.c., pp. 386-387.

em Oséias que o deserto foi lugar de encontro do homem e da mulher. Aqui será o encontro de Jesus com a Samaritana.

Chega a mulher da Samaria para tirar água, ela busca água para saciar sua necessidade. É interessante notar que essa mulher não tem nome próprio. Jesus está só, mas aparece a mulher e ele ousa pedir-lhe: “**Dá-me de beber**”. Quão ousada a atitude de Jesus! Em uma sociedade onde o homem não podia dirigir a palavra a ela, ele pede, **Jesus vai ao encontro da necessidade desta mulher**. Ela que foi ao poço buscar água, escuta o pedido de um homem que também diz ter a mesma necessidade que ela. Aqui vemos um aspecto de suma importância que poderíamos dizer que seria o primeiro momento do encontro, o chute ou etapa inicial para trabalhar com a mulher. Aspecto fundamental da pedagogia que é justamente a **aproximação**, o momento do estabelecimento do diálogo, início do vínculo. E nota-se que aqui Jesus parte da realidade que a mulher traz: BUSCA DE ÁGUA. O aproximar-se de Jesus mostra que ele a considera como uma pessoa que tem dignidade.

Pois bem, o encontro começa com o pedido de Jesus. Sendo homem, ele também sente necessidade e o sendo é solidário com a necessidade desta mulher. Ao partir da necessidade, Jesus parte da realidade dela. Portanto, é só partindo da realidade, do contexto, que é possível o início da mudança. **Partir da necessidade** é então demonstração do Amor, é a ocasião propícia para que Jesus se manifeste em favor daquela mulher, e responder a essa manifestação é a condição para receber o Dom de Deus.

Neste caso, dar água, elemento escasso e, portanto, precioso, era sinal de acolhida, solidariedade, hospitalidade. Dar água seria este DAR VIDA, devolver vida, proporcionar à mulher meios para que ela tenha de volta sua vida que lhe foi tirada. No entanto, no texto, é Jesus quem pede água, apesar de a mulher ter ido ao poço para buscá-la. Ela foi em busca de vida e Jesus coloca-se em seu lugar como se fosse ele quem precisasse. Essa seria então uma forma de motivar a mulher para que ela considere uma possível mudança em sua vida.

Frente ao pedido de Jesus, a Samaritana questiona: “**Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim que sou samaritana?**” A mulher estranha este

aproximar-se, sua resposta reflete isso. Ela não pode compreender como um judeu possa lhe pedir de beber. Aqui faz-me recordar a estranheza das mulheres em situação de prostituição frente ao aproximar-se dos agentes. Será possível que alguém pode aproximar-se delas sem vê-las como objeto de prazer, ou com um olhar preconceituoso, e sim vê-las como pessoas sujeitas de sua própria história? Aqui fica um questionamento: será que enquanto agente pastoral tenho a atitude de Jesus? Temos a atitude de Jesus? Pois mesmo frente à estranheza da mulher Jesus consegue vê-la como pessoa de valor e é por isso que lhe pede água, pois acredita que ela tem algo a oferecer. Sou capaz, somos capazes de pedir água às mulheres? De acreditar em seu potencial, na água, na vida que ela traz? Isto porque a atitude de Jesus derruba as barreiras que os separam. Além disso, ele acaba com a superioridade que havia por parte dos judeus com referência aos samaritanos. Jesus apresenta-se simplesmente como homem, necessitado como todos e que, colocando-se em situação de dependência, reconhece que a mulher pode oferecer-lhe algo indispensável. Ao colocar-se no nível da necessidade corporal, afirma a igualdade, suprime a discriminação e dignifica a mulher. Demonstrou-lhe sua confiança, mas ela não venceu ainda sua reserva.

Diante da interrogação da mulher, Jesus responde: “**Se você conhecesse o Dom de Deus e quem lhe está pedindo de beber, você é quem lhe pediria. E ele daria a você água viva**”. Jesus responde de maneira indireta, suscitando a curiosidade na mulher. Ele fala do Dom de Deus, a água viva que ele é capaz de dar. Pedira-lhe um favor, mas está disposto a corresponder com outro maior de sua parte do que o dela. Propõe-lhe superar a inimizade, entrando em relação de boa vontade mútua. Desde o primeiro momento Jesus está livre de todo preconceito, para ele só existe a relação interpessoal, manifestada no dar e receber. Ela, porém, ainda não reconhece o Dom de Deus.

A mulher volta a questionar: “**Senhor, não tens um balde e o poço é fundo. De onde vais tirar água viva?**”. A mulher impressiona-se com a frase de Jesus e até o chama respeitosamente de Senhor, demonstrando sua estranheza pela oferta que Jesus lhe faz. Ela não conhece outra água senão a daquele poço e vê que Jesus não tem utensílios necessários para tirá-la. Pergunta-se onde poderá buscar a água viva que

promete. A mulher não conhece outra água senão a do poço, não conhece nem imagina o Dom de Deus gratuito, não conhece o Amor de Deus. A própria mulher tem dificuldade de acreditar em seu potencial. A mulher que se encontra em situação de prostituição, muitas vezes, não vê outra possibilidade de vida. Para ela, sempre lhe foram negadas outras oportunidades de vida e custa-lhe ver agora outra forma de vida. Por outro lado, a pergunta da mulher dá margem a uma possibilidade de mudança.

Jesus lhe responde: “**Quem bebe desta água vai ter sede de novo. Mas aquele que beber a água que eu vou dar, esse nunca mais terá sede**”. Com a resposta de Jesus, Ele mostra o valor do Dom. Dessa forma, a sabedoria consistirá em adquirir conhecimento interior e assumir a tarefa de amar os outros. Somente a água perene e sempre disponível pode tirar a sede do homem e da mulher.

A mulher disse a Jesus: “**Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui para tirar**”. Assim temos que a promessa de vida de Jesus despertou o anseio da mulher, a qual se declara disposta a abandonar para sempre o poço da lei e da tradição que sua história representa, mas que não conseguiu acalmar seus desejos. Rompendo com o passado, ela quer nascer de novo. A mulher apresenta aqui seu desejo de mudança de vida. Ela acredita que isso é possível e o espera de Jesus, o qual começou pedindo água e termina prometendo-a. Romperam-se as barreiras, a mulher samaritana pede a ele, o judeu. Ela está cansada de vir ao poço buscar água que não lhe mata a sede. Vê o valor da vida e a deseja, deixa-se iluminar pela luz que brilha em Jesus. Podemos visualizar um outro momento ou etapa do processo de uma pedagogia própria para trabalhar com a mulher em situação de prostituição, pois vemos que é a própria mulher que toma consciência e daí nasce o desejo de mudança de vida.

A partir daí Jesus começa a criar intimidade com a mulher e ela, por sua vez, também vai entrando em sua intimidade. Jesus lhe diz: “**Vá chamar seu marido e volte aqui. A mulher respondeu: Eu não tenho marido.**” Ao dizer que não tinha marido, a mulher demonstra vergonha de sua situação irregular. Jesus, para não feri-la, revela toda a gravidade de sua condição e ainda valoriza sua honestidade: “**Você tem razão ao dizer que não tem marido. De fato, você teve cinco maridos. E o homem que você tem**

agora não é seu marido. Nisso você falou a verdade". A mulher então diz a Jesus: **"Senhor, vejo que és um profeta. Os nossos pais adoraram a Deus nesta montanha. E vocês judeus dizem que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar"**. A denúncia que Jesus lhe faz de sua situação leva a mulher a compreender que ele é profeta e dele espera oráculo que lhe declare um meio de pôr fim ao adultério que a separa de Deus. Jesus lhe diz: **"Mulher, acredite em mim. Está chegando a hora em que não adorarão o Pai, nem sobre esta montanha e nem em Jerusalém. Vocês adoram o que não conhecem, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus"**. Jesus expõe a novidade em toda a sua crueza, ele fala de uma mudança radical. Para a samaritana, Jesus, antes de ser chamamento, foi oportunidade de exercitar o Amor; Jesus fala dos verdadeiros adoradores do Pai. Ao falar do Pai, mostra-se a urgência do Amor, pois o Pai anseia pelo bem da humanidade.

Finalizando o diálogo, a mulher declara: **"Eu sei que vai chegar um Messias, e quando chegar ele nos vai mostrar todas as coisas. Jesus disse: Esse Messias sou eu que estou falando com você"**. A mulher confessa-se disposta a aceitar o Messias. Diante de sua abertura ao futuro e sua esperança, Jesus lhe revela: **"Sou eu que falo contigo. Nesse momento, os discípulos de Jesus chegaram. E ficaram admirados de ver Jesus falando com uma mulher, mas ninguém perguntou o que ele queria, ou porque ele estava conversando com a mulher"**. O assombro dos discípulos supõe a inferioridade da mulher naquela sociedade, mas Jesus não aceita essa desigualdade. Não lhe perguntam nada, acentua-se assim a intimidade que precedeu, no encontro com a Samaritana. Ele a levou para a solidão e lhe falou ao coração pra voltar a ganhá-la pra si (Os 2, 16).

"Então a mulher deixou o balde, foi para a cidade e disse para as pessoas: Venham ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Será que ele não é o Messias?".

A mulher rompe com aquilo que segurava e até vai anunciar. Deixar o balde, deixar a prostituição poderá ser o último passo do processo, ou quem sabe o início, pois, ao

deixar a prostituição, a própria mulher é anunciadora de sua libertação. Ela mesma poderá ir ao encontro de outras mulheres, ajudando as mesmas.

Aqui pode-se concluir, recordando alguns pontos importantes que este texto nos apresenta e que nos ajudam a pensar numa pedagogia própria com as mulheres, tais como:

Primeiro Momento/Etapa: Momento do encontro: “*Então chegou uma mulher para tirar água*”

Aproximar-se: Jesus se aproxima e pede-lhe água, parte de sua necessidade, estabelece diálogo, inicia vínculo. Partir de sua necessidade significa partir de sua realidade, de seu **contexto**. Pedir água à mulher mostra que Jesus a **motiva** para que ela considere uma possível mudança de vida. Daí a importância de um trabalho que motive a mulher, que lhe proporcione meios para que ela tenha de volta a vida que lhe foi tirada.

É interessante perceber que durante o processo a mulher encontrará dificuldades em acreditar no processo, em seu potencial. **“Senhor, não tendes um balde e o poço é fundo”**. Ela, por muitas vezes, não vê outra possibilidade de vida que não seja a prostituição. É preciso, pois, ajudá-la a perceber seu valor de pessoa humana amada e querida por Deus e seu potencial.

Segundo Momento/Etapa: O encontro provoca desejo de mudança.

A mulher manifesta seu desejo de mudar de vida. Nota-se que o desejo parte dela. Com o pedido da Samaritana, vemos claramente isto: **“Senhor, dá-me desta água, para que não tenha mais sede”**. Aqui a mulher quer romper, ela própria quer mudança, não lhe é imposta, ela o quer, ela deseja. Daí é necessário criar maior intimidade, ir fortalecendo os laços da relação com ela, valorizando aquilo que ela traz.

Terceiro Momento/Etapa: “Então a mulher deixou o balde”. Então, é a mulher que quer, nota-se isso. Ela deixa a prostituição e vai ser ela mesma anunciadora de sua libertação e, conseqüentemente, agente que vai ajudar a outras mulheres.

2.3. Jesus se solidariza com a mulher (Jo 8, 1-11)

O texto Jo 8, 1-11 mostra o coração de Jesus frente à situação de humilhação da mulher. Aqui podemos sentir a fundo a solidariedade de Jesus para com as mulheres excluídas. Vemos que a bondade com que ele tratou essa mulher causou certo incômodo. Salta aos nossos olhos a sua conduta diante de uma mulher chamada “pecadora” e diante dos homens que lhe acusam. Verdadeiramente ele rompe com os limites, com a Lei de seu tempo.

Pois bem, temos uma mulher pega em flagrante cometendo adultério, acusada pelos Doutores da Lei e fariseus que representam a autoridade da época. Ela, por sua vez, tem a Lei e o julgamento contra si. Foi surpreendida em adultério. Sendo um caso de adultério e tendo a pena de apedrejamento, conforme Dt 22, 23-24, trata-se então de um caso de relação sexual com o consentimento desta mulher, que, segundo alguns estudos, é uma mulher virgem prometida em casamento.

“O fator importante na Lei é o status conjugal da mulher, que define a natureza da ofensa e a severidade da pena. Uma relação sexual de uma mulher virgem que escolhe um homem diferente do marido que seu pai escolheu para ela, a relação sexual de uma mulher sujeito de suas escolhas, viola gravemente o direito de seu marido à posse exclusiva da sexualidade dela. Desta posse poder patriarcal e machista, desde os tempos mais remotos, não quer abrir mão”¹³.

Porém, como em outras ocasiões, nada se diz de seu companheiro. Não sabemos seu nome, o texto não diz. O que se sabe e se percebe é que se trata de uma moça virgem prometida em casamento. Jesus também está aí na cena. Silencioso, escuta e até parece distrair-se. Formula uma pergunta, espera pacientemente uma resposta sem acusar ninguém. O povo, também silencioso, sem ação, parece até “indiferente”: nada manifesta quanto à cena.

Os Doutores da Lei desejam a condenação da mulher e a afirmação da Lei. Contudo, obtêm a libertação da mulher e a derrota de sua Lei. A mulher padece, pois é

¹³ BUSCEMI, Maria Soave. *De corpos, pavores e utopias: uma hermenêutica feminista de Jo 7, 53-8,11*. Estudos Bíblicos 75. Vozes. p. 90.

condenada, rejeitada, humilhada. No entanto, recebe perdão, libertação, acolhida, ou seja, vida.

Os Doutores da Lei e fariseus, ao trazerem a mulher, a colocam “no meio”, ou seja, ela vai ocupar o centro da cena, aquela mulher que perdeu a virgindade naquela noite ocupa agora a típica posição de interrogatório judicial (At 4, 7). Por ironia, temos um corpo rebaixado, no chão. Segundo a Lei, a essa mulher não é dada possibilidade alguma. Um corpo de mulher no chão, segundo a concepção patriarcal e androcêntrica. Depois propõem a Jesus o caso apresentando **“Mestre, esta mulher foi pega cometendo adultério”**, esta mulher foi apanhada *in flagranti*. Em seguida, apresenta-se uma controvérsia: **“A lei de Moisés manda que mulheres desse tipo devem ser apedrejadas. E tu, o que dizes?”** Logo adiante, o texto adverte que se trata de uma “armadilha”, pois os fariseus queriam “pegar” Jesus. Eles esperam que Jesus se complique e, assim, dê uma resposta que o comprometa frente à lei. Antes de seguirmos e vermos qual será a atitude de Jesus, vejamos como era tratado o adultério no Antigo Testamento.

“O adultério é expressamente condenado pelo Decálogo (Ex 20, 14) e severamente castigado segundo diversos preceitos da Torá. Mas o adultério propriamente dito se dava quando o homem casado mantinha relações sexuais com uma mulher casada ou prometida em casamento (noivado equivalia neste caso a casamento). O homem só podia violar o casamento. A fidelidade conjugal absoluta só competia à mulher que, pelo casamento, se tornava propriedade do homem. O preceito tendia, pois, a proteger o direito do marido sobre a posse exclusiva da mulher. Sobre o adultério pesava a pena de morte (cf. Lv 20, 10; Dt 22, 22). Se o gênero de morte não fosse determinado, então a execução se dava por estrangulamento (asfixia). No entanto, Dt 22, 23ss ordena a morte por apedrejamento, quando se trata de relação com uma desposada. Muitos autores concluem que a mulher devia ser apedrejada, por tratar-se de uma noiva ou prometida, enquanto outros acham que se tratava de uma mulher casada lembram que o direito penal da Mixná no tempo de Jesus não estava em vigor em todo o seu alcance”¹⁴

¹⁴ Cf. a respeito De Vaux, *Lebensordnungen I*, p. 71s; Billerbeck II, p. 519s; Hauck, Moicheúo, em *ThWNT IV*, p. 737-745; K. Berger *Die Gesetzesauslegung Jesu*, Neukirchh 1972, p. 307-326; *Adultery*, em *EJ 2*, col. 313-316.

Quanto à resposta de Jesus, ele começa por não dar resposta alguma, mas deixa os fariseus diante da mulher e se inclina para escrever no chão: "**Jesus inclinou-se**". Jesus se inclina, curva-se. Essa atitude de inclinar-se é a marca de quem se solidariza com o outro, e é um ponto fundamental nesta pedagogia, pois, segundo Paulo Freire, a solidariedade exige de quem se solidariza que "assuma" a situação de com quem se solidariza. Daí que inclinar-se significa solidarizar-se e esta é uma atitude radical. Temos um homem criado nas Leis e presente em um tempo marcado pelo patriarcado e pelo Templo. Todos os outros ficam de pé, e Jesus inclina-se; temos um homem que segundo a formação deveria ficar de pé, mas ele se curva. Temos um corpo, em silêncio, curvado.

*"Não existe ambigüidade no silêncio, não é o silêncio de quem é cúmplice com as Leis destes homens. O corpo curvado fala. O corpo curvado é uma tomada de posição em favor de outro corpo apavorado, no chão. Os dois corpos encurvados gritam contra o mundo patriarcal e androcêntrico que não reconhece a vida das mulheres"*¹⁵.

No entanto, aqueles que acusam a mulher insistem na pergunta. Então Jesus se levanta e diz: "**Quem de vocês não tiver nenhum pecado, atire nela a primeira pedra**". Aqui se trata no fundo do costume que, em caso de execução de uma sentença de morte por apedrejamento, as primeiras testemunhas também teriam o direito a atirar a pedra (cf. Lv 24, 10-16; Dt 17, 2-7). Dessa forma eles assumiam plena responsabilidade pela execução e essa responsabilidade só poderia ser assumida por quem se soubesse pessoalmente livre. Ao expressar essa palavra, Jesus expõe a corrupção de todos os homens pelo mal. É uma palavra que traz a verdade que penetra o mais profundo do ser. Tal força tem sua palavra que um após outro os acusadores vão desaparecendo, começando pelos mais velhos, com mais experiência de vida. Também os mais novos, que não conhecem tão bem a vida e a si mesmos, se sentem inseguros e vão embora. Jesus levanta a cabeça para responder a insistência dos acusadores. Na cultura patriarcal, o pai ou o marido tem o corpo da mulher como propriedade, ou seja, para eles, ela é apenas um objeto; isto acabava matando qualquer tipo de relação de iguais,

¹⁵ BUSCEMI, op.cit. p. 91.

qualquer tipo de relação do Amor. Ela deveria ser sujeito, como de certa maneira foi. Este tipo de relação androcêntrica, em que somente o homem era considerado sujeito, gera uma relação de violência, de falta de respeito. Jesus, porém, rompe com este muro. Seu corpo inclinado questiona a ordem. Jesus se coloca em igualdade com a mulher. Isso nos faz lembrar sua atitude com a Samaritana quando lhe pede água. São traços de uma pedagogia própria, colocar-se em relações de igualdade, curvar-se não para fazê-la menor, mas para ajudá-la a se reerguer novamente. É o que Jesus faz. Deixa prevalecer o Amor, a base da pedagogia. Ficam apenas Jesus e a mulher que estava no meio.

Restaram apenas os dois: “a mísera e a misericórdia”. Agora sim temos o encontro de Jesus com a mulher. Fixando os olhos nela, ele pergunta: “**Mulher, onde estão os outros? Ninguém condenou você?**” A mulher está agora diante de Jesus em sua pobre humanidade, com sua culpa e sua vergonha. Jesus, no entanto, tira-a de sua insegurança, não falando de sua culpa, nem tampouco acusando-a, mas referindo-se apenas à conduta dos acusadores. Pela resposta da mulher: “**Ninguém, Senhor!**”, vemos seu alívio e libertação. A seguir, com a palavra de Jesus, se vê resolvida a situação desta mulher: “**Eu também não te condeno. Pode ir, e não peques mais**”. Aqui se trata de uma palavra de perdão. Jesus não quer condenar, mas libertar. Por sua decisão ele restitui a vida à mulher, dando-lhe uma nova oportunidade. Jesus não declara bom o que a mulher fez, mas o que importa de verdade para a mulher é este novo começo. Daí é importante também perguntar: que pecado esta mulher não deve cometer?

“Parece-me que o pecado que não deve ser perpetuado pela mulher, por todas as mulheres, é justamente o de aceitar, como um objeto mudo, sem desejo nem alma, a decisão do pai, do marido e do Templo, de todos os templos, de considerarem o corpo das mulheres propriedade privada. Só assim corpos encurvados, emudecidos, apavorados podem voltar a ficar de pé, com dignidade e vida plena.”¹⁶

¹⁶ Ibidem, p. 93.

2.4. Jesus se deixa tocar por uma mulher (Lc 7, 36-50)

A sala está posta. Mesa pronta. Comida. Bebida. Jesus é convidado para comer com um fariseu chamado Simão. Ele entra na casa e se põe à mesa. Chega então uma mulher conhecida na cidade como pecadora, não se sabe como ela apareceu. Ela traz consigo um vaso de perfume de alabastro. Apesar de “pecadora”, será ela a protagonista da cena. É interessante notar que é Jesus o convidado de honra do fariseu e a presença da mulher torna a cena um tanto embaraçosa. O acesso à sala do banquete era relativamente livre e aberto a todos.

Torna-se escandaloso o que vai acontecer: a mulher, com o vaso de perfume, chega ao convidado de honra. É surpreendente a condição da mulher e a sucessão de gestos que ela realizou. Ao invés de ungir a cabeça dele em sinal de veneração e respeito, como era o costume, dobra-se aos pés de Jesus, unge-os, beija-os e os enxuga com seus cabelos.

Na sociedade judaica, as mulheres eram consideradas inferiores, fracas, vulneráveis e tentadoras (cf. Gn 3). A Lei de Israel colocava a mulher como sendo propriedade do pai ou do marido, ou seja, ela sempre estava em posição subalterna ao homem. Quando ela saía de casa, encobria o rosto e a cabeça com o véu. O fato de ela enxugar os pés de Jesus com seus cabelos é visto como um escândalo, pois ela teve que tirar o véu para fazê-lo. A condição de inferioridade da mulher era também marcada pela sua corporeidade, pois o corpo feminino era considerado impuro durante vários períodos (menstruação, parto, relações sexuais...). Muito mais impuro era considerado o corpo de uma pecadora pública. Qualquer parte de seu corpo contaminava onde quer que ela tocasse. Na sociedade patriarcal israelita, a prostituição era a pior forma de impureza para a mulher. É importante ressaltar que as meretrizes, tal como os publicanos, eram chamados “pecadores”, o que constituía naquela época uma classe de pessoas tão privadas de recursos que eram levadas a se engajarem em profissões “desonrosas” para sobreviver.

“Assim, prostitutas, na Antiguidade, podiam ser escravas, filhas vendidas ou alugadas pelos pais, esposas alugadas pelos maridos, mulheres pobres, divorciadas, viúvas, mães solteiras, prisioneiras de guerra ou de piratas, mulheres compradas por soldados, etc.”¹⁷

O fariseu e seus amigos que estão na casa preocupam-se com o contato de Jesus com essa mulher pecadora, assim como os discípulos estranharam ver Jesus conversando com a Samaritana. Vemos aqui Jesus lidando com uma “pecadora pública”, “uma mulher da cidade que era pecadora”, o que se compreende como prostituta. Jesus está calado deixando-a agir. Ele aceita ser tocado por ela, não se demonstra preconceituoso; rompe com os padrões de comportamento da época, não se coloca como juiz da mulher. Assim ele compromete sua reputação de homem de Deus, de profeta reconhecido pelo povo (cf. Lc 7, 16).

Jesus faz então uma pergunta a Simão, e a faz contando uma parábola e aí é interessante, pois a parábola dos dois devedores perdoados é transparente demais para que Simão suspeite do seu sentido. Assim, o devedor que ama pouco é porque fez uma experiência limitada do perdão e este é o próprio Simão. A mulher, por sua vez, aquela que teve para com Jesus gestos de acolhimento e de veneração, é aquela que muito amou. Dessa maneira, vê-se que o fariseu “justo” se encontra do lado da falta e a pecadora anônima do lado da **misericórdia**. Então se chega à sentença-chave: **“Por isso te digo: seus muitos pecados lhe foram perdoados, dado que ela demonstrou muito amor.”** A partir daqui entramos em um dado de suma importância: o tema da **misericórdia-compaixão**. Compadecer-se significa partilhar uma mesma paixão, solidarizar-se, ou seja, é a experiência da **compaixão**. Aqui se dá uma prática profundamente humana, que é a prática do **“sentir com”, “sofrer com”, “lutar com”** os mais pobres e oprimidos. A mulher reconhece em Jesus a misericórdia de Deus. Jesus não humilha a pecadora, tampouco humilha o fariseu, mas também o convida a aceitar o coração de Deus.

A palavra de absolvição de Jesus torna explícito o que estava já presente no seu acolhimento e na defesa da pecadora. A última palavra: **“A tua fé te salvou, vai em paz”** mostra a raiz profunda do perdão.

¹⁷ E.E.Fiorenza. Em mémoire d’Elle. Paris: Ed. Du Cerf, 1986. p. 196.

CAPÍTULO 3

A PEDAGOGIA OBLATA: PEDAGOGIA EM CONSTRUÇÃO

3.1. A situação da mulher no século XIX

O século XIX é marcado por profundas e grandes mudanças, traz uma sociedade marcada por crises econômicas, políticas e sociais. Tem-se uma sociedade enferma, pois o processo industrial traz consigo um considerável crescimento urbano. Sendo assim, há movimentos migratórios da população rural, que formam a grande população pobre e proletária das cidades. Há um crescente aumento de delitos contra a propriedade e contra as pessoas, pois cada vez mais aumenta o crescimento da população empobrecida e concentrada nos grandes núcleos urbanos.

Frente a esta pauperização, o alcoolismo, a prostituição, o roubo são algumas respostas dadas ante a normalidade imposta por uma sociedade progressivamente industrializada. Criminosos, prostitutas, ladrões integravam a paisagem urbana, como realidades visuais cotidianas e numericamente consideráveis.

Durante toda a história a sociedade foi marcada pelo patriarcalismo, isso desde os primórdios da existência humana. Desse modo, a família tornou-se a unidade básica desse patriarcado e isso também no século XIX tinha sua relevância. Havia, naquela época, a preocupação com a defesa da família, pois este seria o lugar básico de socialização e uma forte unidade de produção e de consumo. A sexualidade da mulher, que sempre foi vista como capacidade de reprodução, aqui também está associada à defesa da família, ou seja, o que valia era a castidade feminina. Sendo assim, assuntos como a prostituição estavam ligados à idéia de pecado. Em oposição à prostituta, afirmava-se o caráter da mulher “honesta”, simbolizando os arquétipos da pureza e da castidade, em que o valor social da mulher estava em ser mãe e esposa. Há assim um poder que tem em sua base o controle moral da sociedade, sendo que tal moral tem forte influência da Igreja. Todas as mudanças ocorridas no século XIX, em que o Estado Liberal assume o controle, geraram até um certo conflito com a Igreja, que durante

séculos o havia exercido. Dessa maneira, este século traz uma série de novas teorias, buscando diferentes respostas para explicar os fenômenos vigentes na sociedade.

Novos pensamentos também vão afetar a idéia e visão que se tem da mulher, e mesmo a prostituição será objeto de interesse nesta sociedade. Se antes as teorias acerca da prostituição estavam relacionadas ao pecado, agora ela parece ser uma ética anti-social, improdutiva e antiburguesa. Aquelas que eram consideradas “desviadas”, por não serem “puras” segundo a concepção de mulher, se convertem agora no século XIX em objeto de uma desmedida atenção consideradas então como infratoras de uma ordem preestabelecida, sendo assim consideradas inimigas de estereotipadas virtudes e valores burgueses. Seus atos seriam condenáveis na medida em que simbolizavam uma contra-moral que atacava a propriedade, a produtividade, o trabalho e a família. A prostituta aqui deixaria de ser estigmatizada segundo o ponto de vista religioso como sendo pecadora e se apresentava agora como “enferma” psíquica, alguém afetada pela “loucura moral”. Falava-se que a prostituta era um ser “insano” e “diferente” e isso era usado para dizer que havia necessidade de regulamentar a prostituição. Essa apresentação da prostituta como um ser “enfermo” e “estranho” ajudava a afirmar o perigo que ela trazia justificando em última instância a atuação penal e policial em torno da prostituição, esta deixa de ser condenada apenas pelo “sacerdote” e passa agora a ser olhada pelo psiquiatra, antropólogo, sociólogo, que aparecem formando os novos guardiões desta ordem da sociedade.

As prostitutas eram a representação mais contundente da imagem de mulheres “caídas” no pecado original. Durante séculos foram tratadas como pecadoras marcadas pelo estigma desse pecado. De acordo com essa visão religiosa, as prostitutas eram marcadas por serem reconhecidas como diferentes. Agora, porém, de acordo com a ciência do século XIX, as prostitutas, como muitos outros transgressores, eram condicionadas por uma série de determinantes sociais e orgânicos, condições essas que o científico se encarregará de estudar em busca de soluções eficazes. Segundo Lombroso, médico da época (1881), a prostituta era um ser antropológica e psiquicamente diferente. Ele identifica a prostituição com a criminalidade. Para ele, havia uma série de caracteres biológicos que também as faziam diferentes. Ele mostrava uma

série de caracteres psíquicos, religiosos e morais que convergiam a prostituta em um “germe” anormal, primitivo de dano para a sociedade. Para isso, segundo Lombroso, era necessário conhecer esses germes estranhos para opor resistência a eles “em defesa de uma sociedade” que tratava de conservar sua ordem e seus valores em um momento em que se via sensivelmente envolvida por profundas crises econômicas e sociais.

O caso da prostituição torna-se objeto de muitos estudos e análises. Na Espanha, há vários estudos, tais como o de Manuel Carboneres, que analisa a prostituição em Valencia (1876); Prudêncio Sereñana e Partagás se ocupam da prostituição em Barcelona (1882); Rafael Eslava realiza sua investigação sobre a prostituição em Madrid (1900), entre outros. Fernando Vahillo fala da prostituição e as casas de jogo (1872), que analisaremos com mais cuidado adiante.

Tanto as teorias de Lombroso quanto de outros mostravam uma apoteose da criminalidade que se vivia no fim do século XIX, pela qual vai se tentar justificar as desmazelas da sociedade com os seres ditos “enfermos” e “degenerados”, tais como as prostitutas. Essa era uma forma de exclusão da sociedade que indicava o abandono de possíveis políticas sociais de caráter preventivo. Ao contrário, a sociedade adotava posições de política repressiva e teses biológicas e evolucionistas em nome “da defesa da sociedade” frente a esses seres “estranhos” e “enfermos”.

Olhemos então outros aspectos. Estamos em um século marcado pelo fenômeno das revoluções políticas, sociais e culturais. Às revoluções burguesas (1789-1815) sucedem as revoluções liberais. Também temos as revoluções culturais e sociais, com a Segunda Revolução Industrial (por volta de 1850), e ainda os primórdios da arte moderna. Tais fatos significam o nascimento de uma nova ordem sócio-cultural. Vale dizer ainda que tais revoluções trouxeram uma base ideológica e social como: o liberalismo burguês e capitalista, a maçonaria, os movimentos sociais de tipo paternalista, reformista, anárquico, socialista marxista, comunista, etc. Toda essa realidade trouxe muitas guerras e violência, várias manifestações populares, greves, assassinatos, queima de igrejas, usurpação de bens, etc. Este foi um século marcado por muita miséria. Há um constante inchaço dos grandes centros urbanos. A chamada industrialização faz as pessoas saírem do meio rural à procura de emprego na cidade. Nota-se então que não serão poucas as mulheres

vindas do interior para as cidades. São péssimas as condições de vida e a maioria das pessoas habitam em bairros periféricos, onde há muita pobreza e violência. Falemos das mulheres vindas para Madri em busca de melhores condições de vida, pois essa será de certa forma a cidade da qual falaremos mais adiante. Ao chegarem à cidade, não serão poucas as meninas e mulheres que encontrarão no exercício da prostituição uma porta de saída para a miséria em que se encontram.

Pode-se dizer que prostituição e miséria aparecem no século XIX unidas inseparavelmente. Sendo assim, alguns autores espanhóis vão dizer que fatores sociais também influenciam na prostituição. Vale não negar as causas biológicas, mas não são somente elas a causa dessa prostituição. Há que se considerar também que tais condutas trazem ao meio social as condições de vida que levam as mulheres à prostituição.

Fernando de Vahillo (v. Anexo 1) fala, em uma carta ao Governo de Madri, de determinantes sociais que levam à prostituição e faz duras críticas contra a hipocrisia de uma sociedade que conduzia muitas mulheres a se prostituir e logo as condenava por isso. Ele fala do cinismo do Estado, que consentia na prostituição. Para ele, os baixos salários das mulheres trabalhadoras, a escassez de trabalho e a extrema pobreza são os principais fatores que levam uma mulher à prostituição.

Nessa carta de Fernando de Vahillo, temos vários aspectos de suma importância. Entre 1845 e 1860, Madri também passa por um grande crescimento populacional e isso estimulou o desenvolvimento econômico, o crescimento urbano e ao mesmo tempo deu origem ao aumento do desemprego. Como já foi dito, nessa época há um crescimento da emigração madrilenha. A oferta de emprego no serviço doméstico foi a principal causa da emigração feminina. Tais fatores acabaram por influenciar o aumento da prostituição, que passa então a ser considerada como delito. “Até o código de 1848, a prostituição foi considerada delito pecaminoso castigado com diferentes penas – entre elas, a prisão, a expulsão e o desterro. Mais tarde, as autoridades procuraram regulamentá-la para vigiá-la e reprimi-la. O regulamento de 1865 suspendeu esses propósitos e impôs normas precisas: todas as prostitutas deveriam inscrever-se num registro geral e elas receberiam uma carteira de saúde para nela anotar o controle sanitário duas vezes por semana. No caso de decidirem abandonar a profissão, era-lhes retirada a carteira apenas em

determinadas condições e após uma solicitação ao governador; as prostitutas ficavam submetidas à vigilância policial e só lhes era permitido frequentar certos lugares. As enfermas eram levadas ao Hospital São João de Deus “para sua cura”¹⁸.

3.2. Hospital São João de Deus: um aproximar-se daquelas que sofrem

A idéia de fundar um Instituto que tem como objetivo trabalhar com as mulheres em situação de prostituição vem depois da experiência feita por José Maria Benito Serra, idealizador e fundador da Congregação. Ele nasceu na Espanha, em 1810, e aos 16 anos entrou para a Ordem de São Bento. Com as crises políticas e religiosas de seu país, buscou refúgio em Roma, onde descobriu o trabalho das Missões. Daí ele vai para a Missão na Austrália trabalhar junto com os aborígenes. Depois de alguns anos, volta à Espanha e aí começa a fazer visitas ao Hospital São João de Deus, onde sente a dor daquelas mulheres. Depois, Serra irá convocar Antonia a também fazer essa experiência. Antonia Maria de Oviedo Schontal nasceu na Suíça em 1822. Teve uma educação baseada na fé católica. Durante muitos anos foi educadora das filhas da rainha espanhola Maria Cristina de Borbon. Ao término desse trabalho na corte, ela vai para Roma, onde passa a escrever textos e livros a favor da Igreja Missionária. Em Madri ela se encontra com Serra e conhece seu trabalho junto às mulheres. Assim, ambos passam a ser os fundadores do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor.

Diante da experiência feita com as mulheres, Serra vai dizer “***Isso era demasiado doloroso para que eu pudesse presenciá-lo sem determinar-me a fazer algo em seu benefício***”¹⁹. Ele está se referindo à experiência que faz no Hospital São João de Deus, lugar onde conheceu prostitutas doentes praticamente em regime de prisão. Ele faz constantes visitas a esse hospital onde as mulheres lhe pedem ajuda. Desse modo, ele se permite deixar tocar por esta realidade, tal como Jesus diante da mulher adúltera, ou da mulher anônima na casa de Simão. Serra também se compadece, sente **compaixão** daquelas mulheres. A princípio, ele pede ajuda aos centros já existentes, pois percebe

¹⁸ RIOS, Manuel Gómez. *Antonia Maria da Misericórdia: oblação e serviço dos mais pobres*. Editorial Claret. Barcelona. Espanha.

¹⁹ *Biblioteca Histórica Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Maria Benito Serra: estudos sobre sua vida - Fundador. Vol III2. São Paulo, 1998. p. 20.*

que, depois do tempo de estada no hospital e de serem essas mulheres curadas, não tendo para onde ir, voltavam à prostituição. Por isso, Serra acredita que serão necessários locais onde se possam acolher essas mulheres. Ele foi **“testemunha de manifestações de arrependimento sincero, promessas de abandonar um passado humilhante e de abrir-se ao futuro com esperança que ele não pôde deixar de chamar verídico”**. Ele mesmo vai dizer: “Então julgando-me obrigado a imitar o Bom Pastor, quis pôr sobre meus ombros a ovelha desgarrada e fui eu mesmo, várias vezes, de porta em porta pedir a sua admissão nos estabelecimentos destinados a oferecer o arrependimento. Mas em vão não pude consegui-lo”²⁰.

Serra busca vários centros que possam acolher essas mulheres que saem do Hospital São João de Deus, mas nada consegue: **“Eu quero salvar estas moças; recorri já a todas as casas estabelecidas, sendo necessário algo ou em Madri ou em seus arredores; e se todas as portas se fecharem a essas infelizes, abrir-lhes-ei eu uma onde possam salvar-se...”**²¹. Já que não consegue resposta alguma, ele está decidido a iniciar uma obra onde possa acolher as mulheres. Ele sente-se sozinho para começar tal obra e para isso convida Antonia, uma jovem leiga que durante anos de sua vida trabalhou na corte, na educação das filhas da rainha e que almeja a Vida Religiosa. Serra lhe propõe tal missão, principalmente por acreditar ser importante uma mulher em tal obra. Ele conta com Antônia por conhecê-la e saber de suas características e qualidades. A princípio, ela resiste, mas acaba aceitando a proposta e inicia com todo seu vigor esta obra que virá posteriormente ser o Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Assim temos, em 1864, o início desta obra que tem como finalidade acolher e trabalhar com as mulheres que se encontram em situação de prostituição.

²⁰ Silva, Maria Helena Braga; MUTILVA, Maria Cruz Eraso; RONDA, Cleofe Rodriguez; DORRONSORO, Ana Maria Barandiaran. Tradução de Adail Ubirajara e Maria Stela Gonçalves. Biblioteca Histórica Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor Vol.III.2. *José Maria Benito Serra: estudos sobre sua vida - Fundador*. São Paulo, 1998. p.20.

²¹ Biblioteca Histórica - Vol.III 2.p. 21.

3.3. Pombinho de Jerez: uma parábola a ser refletida

À medida que se foi caminhado, e já no início da fundação do Instituto, foi-se percebendo que, para trabalhar com as mulheres, era necessária uma pedagogia própria. Para Antonia, a base de tal pedagogia é o Amor. Ela se baseia na pedagogia de Jesus, pedagogia esta que traz o cunho da misericórdia. Antonia irá sempre convidar a olhar como Jesus tratava as mulheres, qual era sua atitude frente às mesmas, mas a seguir vejamos a história, ou melhor, a parábola que ela conta e que faz refletir sobre isso:

“Que as oblatas sejam Oblatas, que amem as mulheres, que aprendam a estar e trabalhar com elas, que saibam ter paciência – não essa paciência fria, gelada, que nada adianta para elas – , mas uma paciência terna, amorosa, uma paciência na qual elas percebam que há o amor a Deus e a elas. Ao mesmo tempo que são pacientes, sejam firmes – mas de uma firmeza ponderada. Que digam: Isto não pode ser, não se deve fazer isto, e não se fazer porque as distancia de Deus e dos irmãos. Com estas e outras palavras que elas vejam que não são movidas pela raiva, nem por irritação, mas tão somente em função do seu bem.

Que as Oblatas façam observações com bondade e carinho, nunca com aborrecimento nem com raiva, pois assim a observação e as provocações que exige esse processo pode provocar outras faltas ainda mais graves que a primeira, em virtude de terem excedido no começo.

Acostume, pois, não apenas na teoria mas também na prática que nós somos religiosas que trabalhamos com mulheres e que somos irmãs e por opção tornamo-nos religiosas.

Sempre devemos levar em conta, para não errar, o perfil de pessoas com quem trabalhamos: mulheres marcadas pela miséria, violência, consumo de drogas e álcool, exclusão, discriminação e estigmatização social, competitividade entre elas, inveja...

E quando às vezes, uma decepção, uma doença impelem a buscar ajuda e com esforço heróico quebram os grilhões que as impedem de ser sujeito... é então que começa um processo doloroso de luta para resgatar sua dignidade de pessoa. A Oblata neste momento faz-se companheira dando suporte e sendo anjo bom. Porém, ao vivenciar este processo de libertação, as mulheres transferem toda a sua angústia às irmãs por meio de agressões, rejeição. POUCO A POUCO E SÓ POUCO A POUCO, e com paciência e paciência extrema, bem como extremo zelo, pode-se extrair delas o que

se deseja. Elas rompem as cadeias que as seguram na prostituição, é certo, mas não romperam os fios que mantêm-nas aprisionadas, impedindo-as de perceber-se como filhas amadas e queridas por Deus. É preciso ir cortando, pouco a pouco, esses fiozinhos sem ferir a parte enferma, com carinho, heroísmo, com paciência.

Tivemos um exemplo valioso nestes dias. Eu contarei porque é adequado ao momento e pode servir de exemplo na atuação pedagógica com as mulheres.

Temos pombas, um casal e dois filhotes; todas brancas com manchinhas pretas. Eu costumo dar-lhes de comer. De repente, há dois dias vimos uma pomba desconhecida com penas de cor de canela. Surpreendemo-nos que permanecesse e não pensasse em partir, seguindo a vida das outras. Logo uma mulher veio trazer-me a pomba, mostrando-me sua patinha inchada e fortemente atada com um fio, cuja ponta fortemente amarrada estava dependurada.

Não tardamos a compreender que era uma cativa que quebrara sua cadeia e tinha vindo refugiar-se no Asilo. Tive muito trabalho para cortar as várias voltas do grosso fio que aprisionava a pobre patinha inchada, tornando-se o trabalho ainda mais custoso por causa da inchação, que dificultava a operação, visto que era difícil cortar só o fio e não machucar a pata, sobretudo porque a avezinha, vendo-se presa, se debatia e não ficava quieta. Pobrezinha! Como as mulheres, que permanecem atadas, maceradas pelas paixões ainda existentes, e se debatem quando se procura curá-las sem compreender sua situação. Como a pombinha, que se zangava contra a mão benevolente que a queria livrar das ataduras. Por fim, concluiu-se com sucesso a operação, a patinha se viu livre e, pouco a pouco, desinchou. Contenta, a pomba permaneceu na casa com as outras e não voava sequer sobre o telhado. Então, a Madre Consuelo trouxe-a a mim, dizendo-me que parecia ter algo na asa. Olhei-a e o que vi?... Todas as grandes penas costuradas fortemente umas às outras até a metade, impedindo assim o vôo.

Custou-me um trabalho imenso cortar essa verdadeira costura feita com linha fortíssima, debatendo-se enquanto isso a avezinha. As penas estavam unidas com um pesponto e, tendo acabado de cortar uma asa, vimos que a outra se encontrava em igual estado... e era impressionante ver a avezinha sacudir suas asinhas e alisar as penas!

Essa história das pombas suscitou-me muitas reflexões. Quem não a compara a das mulheres com as quais trabalhamos? Num ímpeto rompem com a cadeia que as prende na prostituição, mas por muito tempo restam-lhes as ataduras dos pés, que as impedirão de trilhar o caminho da libertação

e mais ainda as das asas, isto é, do espírito de auto-suficiência, da rebeldia, da revolta e de outras tantas feridas que as impedem de levantar de vez o vôo da libertação. Cabe às Oblatas ir cortando, pouco a pouco, os fios, com suavidade, sem ferir a parte enferma, ainda que não reconheçam que queremos fazer-lhes o bem.

Não se esqueça, não, da história de minha pombinha e da reflexão que ela nos traz para a vida”²².

3.4. A pedagogia oblata: A pedagogia do Amor

O trabalho junto às mulheres em situação de prostituição exige uma pedagogia própria, a qual as Irmãs Oblatas denominarão pedagogia do Amor.

A Pedagogia Oblata será entendida como “conjunto de princípios, elementos, ações em ordem ao fim único da Congregação”. Os Fundadores irão definir assim: “Acolher, instruir, e moralizar a mulher pecadora arrependida, abrindo para isso asilos gratuitos onde sejam recebidas sem restrição alguma”²³.

No Capítulo de 1989, realizado em Ciempozuelos – Espanha, a Congregação faz uma reopção de “escutar a realidade e se deixar interpelar por ela para oferecer-se em resposta válida desde o Carisma que nos define na Igreja”²⁴. E, ao invés de trabalhar em internatos e asilos, a opção será “por um compromisso solidário com a mulher prostituída e seu contexto, com o empenho de percorrer com ela um caminho de Evangelização libertadora”²⁵. Daí que tal pedagogia não supõe apenas uma mística, mas práticas concretas que levem à libertação da mulher em situação de prostituição.

Desde os fundadores foi sendo construída uma pedagogia que parte da realidade da mulher e uma mística que nos aproxima dela. Antônia e Serra não nos apresentam um corpo sistematizado dessa pedagogia, mesmo porque este termo é mais recente, faz parte deste século. No entanto, em seus escritos, vamos encontrando algumas pistas,

²² Esta parábola foi redigida mudando a linguagem, adaptando-a para a atualidade. Entretanto, ela é baseada na parábola da pombinha de Jerez que a fundadora da Congregação conta a partir de sua experiência na Comunidade de Jerez, na Espanha. Ela escreve a parábola e envia à Mestra de noviças da época. A história na íntegra se encontra em Biblioteca Histórica – Vol. I. Origens da Congregação: Cronologias Gerais e Documentos Vários. p. 403-4.

²³ *Ibidem*. Vol. I, p. 73.

²⁴ *Capítulo General 1989. Opción. Prioridades*, p. 5.

²⁵ *Ibidem*, p.11.

pois vão construindo um “sistema pedagógico” que parte da experiência de vida que compartilhavam com as mulheres. Sendo assim, a Oblata é chamada a educar desde a cotidianidade, desde o encontro feito com a mulher. Sim, falamos em educar, pois é dessa forma que de certo modo os Fundadores pensavam, educar como sentido de: acompanhar a mulher em seu processo de transformação, compartilhar desde a experiência que elas trazem, cuidar de atitudes de acolhida, confiança, respeito... Dignificar, resgatar, despertar, humanizar e humanizar com. Trata-se, pois, de uma humanização recíproca, ou seja, de uma educação em que a pessoa se sinta e se implique como protagonista, sujeito de seu processo, desde o conhecimento e aceitação de sua realidade e possibilidades.

A base fundamental deste sistema pedagógico é o Amor. A própria Antonia irá dizer: “**nossas mulheres se perderam pelo coração e é pelo coração que devemos recuperá-las**”²⁶. Tal como Jesus em sua pedagogia tem na base o Amor, assim podemos vê-lo em seus encontros com as mulheres. Ele é aquele que se inclina, se curva, pede de beber, deixa-se tocar, tudo isso movido pelo Amor. Também a Oblata deverá ser aquela que se curva, se inclina pelo Amor. Fala-se, portanto, em “**Misericórdia**”, como sendo o motor que move a Oblata. Tal como o próprio Deus, que “**vê, ouve, conhece a dor do povo**”, e por isso “desce e o faz subir” (Ex 3, 7). Sim, aquele Deus que vê a miséria do povo, ouve e atende seus clamores por misericórdia, conhece o sofrimento porque experimenta a vida do outro. Desce, se aproxima, se abaixa, curva-se, pois sabe que ser misericordioso implica lutar com e lutar contra, lutar com o povo e contra o opressor. Deus se faz solidário e ao descer faz subir. Ele sente misericórdia, compaixão, suas entranhas se contorcem, “**meu coração se contorce**” (Os 11, 8) e sendo assim vai consolidando sua identidade como misericordioso. Tal como vemos em Os em sua relação com a mulher, ele dispensa-lhe o “*hesed*”, o amor gratuito e a solidariedade. Também Padre Serra vai dizer: “**É doloroso demais o que tenho presenciado para ficar tranqüilo**”. Sim, a base está nesta misericórdia, pois não é possível ser indiferente a tal realidade.

²⁶ Biblioteca Histórica das Irmãs Oblatas I. p. 399.

Algo que seria a síntese e que de certa forma fundamenta o que estamos falando é a parábola do “Pinchoncito de Jerez”, onde se fala deste Amor, deste cuidado, da paciência; ir cortando com cuidado os fios que machucam, onde deve haver firmeza (porém ponderada); **“não castigar nunca, mas repreender com bondade e carinho. Pouco a pouco e só pouco a pouco”**.

Para “a Oblata Deus Pai/ Mãe é o modelo desse processo pedagógico, quando educa o seu povo, tirando-o da escravidão do Egito com mão poderosa e braço estendido, atraindo-o a si com vínculo de bondade e ternura, mas também o repreendendo e corrigindo-o como um pai e uma mãe faz com seu filho/a (cf. Dt 1, 31; 6, 21; 9, 26) para conduzi-lo, enfim, até a Terra Prometida: Ele o encontrou numa terra árida, num deserto solitário e cheio de uivos. Cercou-o, cuidou dele e o guardou com carinho e misericórdia como se fosse a menina de seus olhos”²⁷.

O Amor do qual falam os Fundadores deve levar a uma denúncia profética, e isso é o que Padre Serra faz, chegando até mesmo a escrever para a Rainha Isabel II pedindo ajuda para o trabalho que iniciava junto às mulheres.

Os Fundadores vão apresentando um método, pois sabem que é necessário um processo neste trabalho junto às mulheres. Assim, vai sendo construída a pedagogia Oblata. Eles falam em fases distintas para o processo de cada mulher. Na primeira fase, fala-se da acolhida que se deve ter para com a mulher que chega, “da mesma maneira (os fundadores) exigiam das irmãs, que quando se apresentasse uma jovem na casa a recebessem com muita amabilidade e muito carinho dando-lhes as boas vindas com um abraço”²⁸. A segunda fase seria a formação de uma classe com aquelas que fossem novatas. Em seguida, a terceira fase, constituída por trabalhos específicos realizados pela mulher em cada novo ano ela passava na casa. Na verdade, tudo isso quer mostrar a necessidade de um trabalho com processos, uma pedagogia que, tendo na base o Amor, vai dando um passo atrás do outro, ou seja, tem um método próprio para ser aplicada.

Serra e Antonia chegam até a elaborar um plano de formação que tem conteúdos de escritura, leitura, geografia, aritmética, catequese, plano esse bastante visionário para

²⁷ Seguindo anotações de Ivoni Grando.

²⁸ Ibidem, p. 399

a realidade da época. Dentre os objetivos do trabalho com a mulher, um é ajudá-las a encontrar Deus. Para isso os Fundadores pensam em uma casa onde se possam acolher tais mulheres. Em uma carta de Serra ao Ministério do Governo, ele diz: “*Com esse objetivo, preparei uma casa no povoado de Ciempozuelos e ofereci às mulheres um Asilo que, ao mesmo tempo em que fosse porto de salvação para o náufrago, constituísse também escola de virtude*”. Falar-se-á que essas mulheres deverão aprender um ofício de acordo com suas capacidades. A elas seria ensinado um trabalho produtivo e metade do seu rendimento seria colocada em uma bolsa separada para que, quando ela saísse da casa, tivesse algo para suprir suas primeiras necessidades.

Toda a vida da Congregação e da comunidade estará orientada desde e para a Missão. Assim, a Mulher em situação de prostituição tornou-se para Serra e Antonia e, conseqüentemente, para a Oblata lugar de encontro com Deus, o chão teológico, um sacramento da sua presença. “Toda pessoa é sacramento de Cristo, especialmente os pobres e humilhados da história, nos quais Cristo se faz presente de uma maneira singular. Por isso, ao afirmar a partir de nossa fé a dignidade de todo ser humano, reconhecemos a eminente dignidade dos pobres”²⁹. As mulheres serão, portanto, sacramento de salvação para a Oblata: “***Eu quero que vejam nelas a imagem do Redentor***”, diz Antonia.

Para a Oblata, será necessário amor às mulheres: “***Que as Oblatas sejam bem Oblatas, que amem as mulheres***”, e para isso será necessária uma identificação com a Missão, identificação essa que segue de acordo com o projeto de Jesus Redentor. Portanto, a pedagogia Oblata deve ser aquela pedagogia do Redentor. Para isso será necessária uma pedagogia que traga a “espiritualidade da Redenção - Encarnação, ou seja, a redenção no processo com a mulher é curar as feridas, reconstruí-la, dignificá-la e reintegrá-la. É uma espiritualidade centrada na pessoa, na vida e na missão libertadora de Jesus Redentor, que nos leva a nos aproximar gratuitamente da realidade da prostituição e a redescobrir nas mulheres a imagem de Jesus Cristo como fonte de sua dignidade de pessoa humana”³⁰. Deve-se aceitar a mulher tal como ela é, acolhendo-a como Jesus que

²⁹ Conferencia Episcopal Argentina. “Líneas Pastorais para la nueva Evangelización”.

³⁰ Proposta de Evangelização Humanizadora e libertadora para mulheres em situação de prostituição, p. 24.

na casa do fariseu Simão deixa-se tocar por aquela mulher “pecadora”. É necessário, pois, reconhecer seus valores e assim capacitá-las de acordo com suas possibilidades e aqui a atitude de Jesus com a Samaritana muito nos ensina: aproximar-se da mulher, pedir água, valorizar o que ela traz, enfatizando sua realidade. Tal encontro deve provocar nela um desejo de mudança, um clamor que diz: “*Dá-me Senhor desta água*”. Ela mesma poderá romper com aquilo que a aprisiona e por isso “*deixa o balde*”, não há mais nada que a segura.

Será fundamental a valorização das mulheres pelo que são e pelo que podem chegar a ser e não pelo que fizeram. Por isso que, mesmo trazendo diante de Jesus uma mulher “pega cometendo adultério” e colocando-a no meio, ele se inclina, “***então Jesus se inclinou***”, pois não importa o que ela fez. Mesmo assim Jesus não deixa de dizer: “Vá, não peques mais”. Valorizar as mulheres será então pedir-lhes água, deixar-se tocar por elas, abaixar, curvar-se, pois assim fazendo as ajudará a perceber que elas são sujeitos de sua história e que, portanto, podem continuar a luta. Inclinarse será então conduzi-las novamente ao “***deserto e conquistar seu coração.***”

Em tal pedagogia, há um processo a seguir, os fios das ataduras que as prendem são cortados POUCO A POUCO, com paciência, com zelo, com cuidado, dando tempo, pois, estando a Oblata movida pela MISERICÓRDIA, sentirá em suas entranhas a dor apresentada por essas mulheres. É necessário um acompanhamento da mulher que, estando machucada, fica se “debatendo” frente aos cortes feitos. A mulher, por sua vez, vai percebendo tal cuidado e também vai se permitindo cuidar. No encontro de Jesus com a Samaritana, no primeiro momento ela desconfia daquele homem: “***como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim?***”, ela questiona, mas, durante a conversa, frente ao cuidado que Jesus lhe demonstra, ela também vai deixando os “fios” serem cortados e assim aos poucos a relação de confiança vai se solidificando. Através do diálogo, eles vão estabelecendo uma relação e aí ela também vai se mostrando, chegando até a falar de sua intimidade: “***Jesus disse: Vá chamar seu marido. A mulher respondeu: Eu não tenho marido***”. Estabelecida a relação de confiança, ela fala a verdade, a sua verdade. O vínculo vai se estabelecendo, isso porque Jesus vai “pouco a pouco” e com muita “paciência, paciência extrema”.

É necessário demolir e edificar, romper esquemas, quebrar com pergunta tais como: **“Não tendes um balde. De onde vais tirar água?”**. É preciso reconstruir e fazê-la ver que há água sim, será necessário ajudá-la a repensar sua história e ter coragem para mudar.

Assim, a pedagogia que aos poucos vai sendo construída mostra alguns aspectos importantíssimos. Ela inicia-se a partir da aproximação da mulher. Este será o primeiro passo, o início do vínculo, o momento do estabelecimento do diálogo. E iniciar esse diálogo supõe não ser indiferente à realidade da mulher. Em Os, vimos como ele, o próprio Oséias, vai ao encontro de Gomer. O texto diz que ele vai até a casa de seu pai e a “toma” em casamento. Ele, porém, sabe que ela está marcada pela prostituição e mesmo assim ele inicia uma relação com ela, relação esta que tem na base o Amor. Esse ir ao encontro da mulher e se casar com ela demonstra um ACREDITAR na mesma, um ACREDITAR em sua importância e isso significa não vê-la como indivíduo e sim como sujeito.

De acordo com Paulo Freire, uma pedagogia que se preze tem em sua base o diálogo. Sendo assim, ter uma atitude dialógica é ter atitude de amor, humildade e fé nas pessoas, um acreditar no “seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar”. Por isso, Jesus conversa com a Samaritana, com a mulher adúltera e deixa-se tocar pela mulher anônima na casa de Simão. Ele escuta, dialoga, ele não faz para a mulher, mas a ajuda a fazer o caminho. Daí que uma pedagogia que humanize deve ser COM a mulher e não PARA ela. É preciso sentir COM-PAIXÃO e a partir daí “lutar com”.

O diálogo se dá através do encontro das pessoas, na relação eu-tu, que pressupõe um caminho a se fazer, dar tempo ao tempo. É a partir do diálogo que as mulheres começam a crer em si mesmas e se engajarem numa luta por sua libertação. O diálogo leva a ambos, mulher e agente, se tornarem sujeito do processo feito, assim os dois crescem juntos. Não existe pois diálogo se não há amor nas pessoas e o fundamento deste diálogo é o Amor. Daí que, ao relatar a parábola da pombinha de Jerez, Antonia irá mostrar tal atitude, pois para se cortar aqueles fios que machucam, aquilo que impede a mulher de voar, de ser sujeito, é preciso ter Amor. É esse Amor que leva a um compromisso com a mulher. Sendo assim, o ato de Amor está em comprometer-se, em

percorrer um caminho de libertação e percorrer um caminho com ela. Supõe ACREDITAR nela, supõe solidariedade. Jesus, ao se inclinar diante da mulher, se solidariza com a mesma.

A solidariedade é um outro aspecto fundamental desta pedagogia Oblata, e solidarizar-se não tem nada a ver com relação de dependência. Assim, inclinar-se, tal como fez Jesus, ou ter que cortar os fios, tal como vemos na parábola da pombinha de Jerez, é solidarizar-se com a mulher para que a mesma vá tornando-se cada vez mais sujeito. Desse modo, a verdadeira solidariedade está em “lutar com”. Por isso será fundamental ESCUTAR o que as mulheres trazem, o que pensam, como vêem as coisas. Por isso, fazer este caminho com a mulher supõe um comungar de sua realidade. Aproximar-se, sentir, a cada passo, a cada dúvida. É necessária uma convivência com elas para compreender suas formas de ser e de se comportar.

Diante do diálogo iniciado, a mulher apresenta um certo estranhamento. Ela vem questionar este aproximar, a samaritana chega a perguntar: “*Como é que tu sendo judeu pede de beber a mim que sou samaritana?*”. Fico imaginado quão surpresa não foi para a mulher adúltera colocada no meio quando Jesus lhe pergunta se alguém a condenou, e, sendo sua resposta negativa, Jesus também não a condena. Porém, mesmo diante da estranheza da mulher e também das pessoas que estão à volta, lembremos de Simão, que chega a dizer que se Jesus soubesse quem era aquela mulher não permitiria que a tocasse. Contudo, a atitude de Jesus é dialógica. Ele, assim como Oséias, supera tal estranheza, pois acredita na mulher. De tal modo Oséias também acredita no potencial de Gomer e por isso afirma que a levará novamente ao deserto para aí reconquistar seu coração.

Diante de tais dados vemos que esta pedagogia é humanizadora, sendo que poderíamos falar em dois momentos. No primeiro, a partir do diálogo, do estabelecimento de vínculo, a mulher vai desvelando seu mundo de opressão, assumindo sua própria realidade, aprendendo a se conhecer e se conhecer supõe também perceber o opressor que age em cada uma delas. “Elas também têm olhos de lince”, e quantas vezes não veremos no trabalho feito com elas que quando alguma consegue algo diferente para sua vida, como por exemplo quando adquire uma casa, ela começa a ter uma atitude de

superioridade diante das outras companheiras de batalha. Sendo assim, a mulher precisará de ajuda para ir cortando os fios de opressão que há em si para assim ir se libertando, ir se tornando sujeito e depois ajudar suas colegas a fazer o mesmo caminho. Em um segundo momento, estando a realidade de opressão transformada, esta pedagogia deixa de ser apenas um caminho, um método para uma mulher e passa a ser pedagogia das mulheres que se encontram agora em constante processo de transformação. Assim esta ação vai se multiplicando. O texto da samaritana nos aponta claramente isto, pois deixando o balde, deixando aquilo que a oprimia, ela vai até a cidade anunciar sua experiência a outros para que também esses pudessem experienciar o processo de libertação.

À medida que este processo pedagógico vai-se consolidando, a mulher humaniza-se. Aquela, pois, que era considerada objeto, mercadoria, começa a se tornar sujeito. Essa mulher aos poucos vai tornando-se responsável por sua história. Ela é capaz de reconhecer-se, perceber que está no chão, mas que pode reerguer-se e assumir sua história. Ela dá um novo significado à sua história.

A partir do trabalho feito e da construção de uma pedagogia que vem sendo feita na Congregação, podemos distinguir 4 etapas, conforme o quadro a seguir. A partir deste quadro farei uma relação com o trabalho feito nesta monografia e como deve ser a atitude da Oblata a partir da atitude de Jesus neste processo e também como deve ser atitude da mulher:

CONCLUSÃO

Ao chegar ao final deste trabalho, vejo alguns aspectos de suma importância e o primeiro deles é perceber que este não é um trabalho fechado e concluído, há muito o que fazer, assim como o processo tem suas etapas.

A pedagogia que vem sendo construída é um trabalho de ousadia: não sabemos o que pode acontecer, mas o chute foi dado. É possível perceber que será fundamental não perder o sentido principal, o trabalho com as mulheres, o caminho a se fazer com elas. Não podemos esquecer que para a Oblata as mulheres são sacramento de salvação.

Há que se questionar se ainda nosso trabalho na Pastoral deve ser mais eficaz. Para isso, buscar escutar o que as mulheres trazem será fundamental. Ser apenas presença junto a elas é inútil, é preciso avançar, arriscar mais, e arriscar mais é ousar fazer verdadeiramente um caminho de igualdade, sujeito a sujeito, perdendo os receios de sermos confrontadas por elas.

É hora de rever nossa linguagem, que tipo de linguagem usamos? Até mesmo os escritos congregacionais, como fazer que sua mensagem seja atualizada? Não deixar perder seu sentido, mas aprofundá-lo, não perder o objetivo principal.

Eis que este trabalho me faz ver que há um longo caminho a percorrer, caminho este que já foi iniciado, mas ainda há objetivos a serem cumpridos:

- Não perder o sentido primordial: acreditar na mulher e em seu potencial;
- O caminho não está pronto, assim será preciso coragem de assumir os possíveis erros e acertos;
- Rever a linguagem que usamos, atualizar nossos escritos;
- Caminhar em igualdade com as mulheres.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. Tradução por Miguel Gomes Mourão de Castro e Lúcia Mathilde Orth. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 114-140.
- CAVALCANTI, Tereza. *Jesus, a pecadora pública e o fariseu*. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 30-40. Estudos Bíblicos 24.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Bíblica Loyola 2, 1992.
- FELIPE, Dionísio. *A venerável Madre Antônia: a pedagogia do Amor*. Editorial: Perpétuo Socorro: Covarrubias, Madri.
- FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GÓMEZ, Aurora Rivière. *Caídas, Miserables, Degeneradas: estudio sobre la prostitución em el siglo XIX*. Editorial, 1994.
- LORENA, Isac. *E depois: biografia da venerável Madre Antônia Maria da Misericórdia Fundadora das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor*. 2 ed. 1969.
- RIOS, Manuel Gómez. *Antônia Maria da Misericórdia: oblação e serviço das mais pobres. Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor*.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *A desmilitarização e o resgate da dignidade da vida em Oséias*. RIBLA 8. Petrópolis: Vozes, 1991. p.70-81.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *Movimentos do corpo prostituído da mulher: aproximações da profecia atribuída a Oséias*. São Paulo: Loyola, 1999.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *O corpo excluído de sua dignidade: uma proposta de leitura feminista de Oséias 4*. RIBLA 15. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *Mulher: uma prioridade profética em Oséias*. São Bernardo do Campo:
- Silva, Maria Helena Braga; MUTILVA, Maria Cruz Eraso; RONDA, Cleofe Rodriguez; DORRONSORO, Ana Maria Barandiaran. Tradução de Adail Ubirajara e Maria Stela Gonçalves. Biblioteca Histórica Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor Vol.III.2. *José Maria Benito Serra: estudos sobre sua vida - Fundador*. São Paulo, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. Tradução por Miguel Gomes Mourão de Castro e Lúcia Mathilde Orth. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 114-140.

BRENNER, Athalya. *A mulher Israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Bíblica Loyola 2, 1992.

FIORENZA, Elizabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

LADISLAO, Maria Gloria. *As mulheres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1995.

PEDRO, Enilda de Paula; NAKANOSE, Shigeyuk. *Como ler o livro de Oséias: reconstruir a casa*. São Paulo: Paulus, 1995.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *A desmilitarização e o resgate da dignidade da vida em Oséias*. RIBLA 8. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 70-81.

SANTARCANGELO, Maria Cândida Vergueiro. *A situação da mulher*. São Paulo: Soma, 1980. 389 p.

VELASCO, Carmiña Navia. *Bíblia caminho para a libertação da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1998.

Anexo 1

Carta de Fernando Vahillo ao Governo de Madri

VAHILLO, F. de. *La prostitución y lãs casa de juego*. Madri, 1972. Impr. De Tomás Rey, D. Martín, 4 (folheto de 90 pp.)

Exmo. Sr. Ministro do Governo.

Exmo Sr.:

Nem bem se entronizou no poder o governo dos radicais, de que V.E. é digno presidente, e os jornais anunciam ter-se iniciado uma campanha contra a prostituição e as casas de jogo.

(...) Numa sociedade de indolentes e folgazões; numa população de parasitas, em que todos, grandes e pequenos, se entregam aos braços do vício devido ao afã de ostentar mais do que se tem, pela sede de figurar mais do que se pode, por querer gastar mais do que se ganha, tendo-se forçosamente como resultado de tão pernicioso sistema o devorar os poucos que trabalham... Numa sociedade assim constituída será possível moralizar por meio da lei? E onde está a lei que previne esses casos? Têm as autoridades força, ascendência, crédito moral para reprimir por um lado o que por outro fomentam direta ou indiretamente?

(...) Numa das capitais de menor população da Europa, vagam pelas ruas, no seio do vício, ou melhor, da desgraça, doze mil criaturas destinadas a ser mães, a ser esposas, a ser úteis à sociedade, e não passam de desditosos seres, escarnecidos e desonrados até pelos mesmos que as fizeram submergir no abismo de sua desonra.

Doze mil jovens belas, cheias de graça, dotadas de encantos, não se entregam voluntariamente aos braços do vício pelo simples prazer de se desonrar. Não se compreende que lutaram com os horrores da miséria, sofreram a ameaça da fome, padeceram os tormentos de escassez e, depois de derramar lágrimas de sangue, secos os olhos e confrangido o coração, venderam o corpo aos déspotas que, mais tarde, vão repreendê-las acerbadamente, apregoando hipócrita e desumanamente seu castigo e até seu extermínio.

E os senhores, homens de governo que as perseguem, homens de todos os níveis, de todas as opiniões, de todas as esferas; os senhores, os que são pelos senhores chamados de honrados; os senhores que anatematizam, que fizeram, que fazem, que pensam em fazer para apartar essas infelizes criaturas do abismo em que os senhores as vêem rodopiar diariamente com o maior sangue frio?

Que fazem quando lhes é apresentada uma família perecendo de necessidade, sem trabalho, sem apoio, sem recursos para atender à sua existência?

Que fizeram para salvar da prostituição tantos milhares de jovens desgraçadas? Criaram oficina onde as jovens possam ganhar o sustento, possam cuidar de uma mãe enferma, a um pai velho, a irmãos pequeninos?

Que sociedades protetoras da inocência criaram, que atos beneméritos podem ostentar, que medidas tomaram para evitar a prostituição, para afastar de tão funesta senda as desditosas criaturas de que ousam escarnecer, que se atrevem a perseguir?

Podem os senhores citar um asilo em que a criada sem colocação, a órfã sem amparo, a viúva sem renda, a menina sem experiência, tenham sido recolhidas, tenham podido resistir aos agrados de sedução? E se nada disso os senhores fizeram..., com que direito se lamentam do que puderam corrigir? Em nome de que ousam perseguir aquilo que os senhores mesmos puseram fora do alcance de suas atribuições?

Num país sem indústria, sem comércio, sem agricultura, sem condições de vida, espoliado pelos grandes proprietários que vão ao estrangeiro consumir sua abundante renda, esgotado pela política, desgastado por discórdias internas, desgovernado por administradores ineptos, rotineiro por sistema, insolente por excelência e caro por acréscimo, que faz, a que se dedica uma mulher jovem que precise manter-se e ajudar sua família, se todas as portas lhe são fechadas, se todos os recursos se esgotam e o único meio que resta é prostituir-se para escapar a uma morte certa?

A sociedade sabe tudo isso, vê, apalpa, percebe e dá de ombros ao mesmo tempo em que não manifesta, mas quando o mal tem remédio, quando a desgraça se apresenta em público, no charco do vício, a sociedade trina, os homens vociferam, as mulheres se espantam e as autoridades... moralizam.

(...) Digam-nos as autoridades de Madri, dos filantropos desta terra, que precauções se tomam para evitar que as jovens sem trabalho, sem colocação e sem apoio vão engrossar o número das infelizes vítimas de sua adversa estrela, toda vez que, quando falta o pão e sobram os sedutores, ninguém se condena voluntariamente a morrer de fome em meio a terríveis e dolorosos sofrimentos.

(...) Se os assusta o número dessas belezas noturnas que, ao que parece, os escandalizam, reprimam-nas por meios legais dignos da cultura dos povos; mas não recorram à lei, não se recordem das leis, não façam uso da força; introduzam a moral no seio das famílias; criem costumes que possam contrapor-se aos efeitos do vício, da fome, dos sofrimentos; proporcionem trabalho e preços baixos nas coisas necessárias à vida e, quando tiverem compilado um código de sãos costumes, quando sobrar trabalho e faltarem operárias, quando tiverem a certeza de que só folgazões e os viciosos carecem do necessário, os senhores terão o direito de reprimir com mão forte o vício e a libertinagem, porque os costumes terão criado leis paternais que agora nos faltam; a força será então impotente ou será escrava da razão, como a razão o é agora da força; os costumes ter-se-ão sobreposto às leis, porque leis sobram em todos os países, mesmo nos mais escassos em legisladores: o que faltam são costumes, costumes, costumes!!!